

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



TEATRO DESCENTRALIZADO- O CONTRIBUTO DO NARIZ
TEATRO NA DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA

Relatório de Estágio

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES PERFORMATIVAS

Daniela Gonçalves Gomes

Amadora, setembro 2023

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

**TEATRO DESCENTRALIZADO- O CONTRIBUTO DO NARIZ
TEATRO NA DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA**

Daniela Gonçalves Gomes

Relatório de Estágio submetida(o) à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Artes Performativas, realizada sob a orientação científica de Professor Armando Nascimento Rosa, Professor Coordenador de Teorias e Estéticas.

Amadora, setembro 2023

Resumo

A decisão de realizar o meu estágio curricular n'O Nariz Teatro vem juntamente com a ideia de querer “fugir” à arte centralizada nas grandes cidades, como Lisboa e Porto. A descentralização da arte e, principalmente do teatro, é algo que deve ser tomado em conta, pois não existem só artistas nas grandes cidades e todos temos o direito de ter apoios, tal como uma sociedade educada para apreciar arte em qualquer parte do país. Desde sempre que sinto que apenas valorizam e apoiam a cultura nas cidades metropolitanas e é algo que me inquieta um pouco. Assim como o facto de serem quase sempre os mesmo teatros e/ou artistas a receberem apoios e consequentemente mais afluência de público.

O estágio que realizei num teatro descentralizado, sem caras conhecidas e que nem sempre consegue apoios, foi o sítio indicado para eu conseguir refletir, descrever, analisar e fundamentar este tema da descentralização. Após o término do estágio realizei várias pesquisas sobre o percurso da companhia e a sua importância na descentralização do teatro. Concluída essa investigação teórica, segue-se a escrita do relatório final onde irei abordar não só a descentralização da cultura em Portugal, mas também o meu percurso no estágio académico e relacioná-lo com o tema central.

Palavras-chave: Descentralização; Educação; Público; Teatro O Nariz.

Abstract

The decision to undertake my internship at "O Nariz Teatro" is closely tied to the idea of wanting to "escape" from art centralized in major cities such as Lisbon and Porto. The decentralization of art, particularly in the realm of theater, is a matter that must be considered because artists are not solely confined to metropolitan areas. Everyone has the right to receive support, just as a cultured society should appreciate art in any part of the country. I have always felt that culture is primarily valued and supported in Lisbon and Porto, which is somewhat disconcerting. Likewise, it troubles me that it is often the same theaters and/or artists who receive support and consequently attract larger audiences.

The internship, which took place at a decentralized theater, devoid of popular faces and not always capable of getting financial support, was the ideal setting for me to reflect upon, describe, analyze, and substantiate the topic of decentralization. Following the completion of the internship, I conducted an extensive research on the company's trajectory and its role in the decentralization of theater. With this theoretical investigation concluded, the next step involved drafting the final report, in which I will address not only the decentralization of culture in Portugal but also my academic internship experience, relating it to the main theme.

Key-words: Decentralization; Education; Public; Theater O Nariz

Índice

Introdução.....	6
1. Breve contextualização da descentralização da cultura em Portugal.....	7
2. O NARIZ Teatro.....	10
2.1. Caracterização da companhia, repertório e equipa.....	10
2.2. Eventos anuais do Nariz Teatro.....	15
2.3. A consistência do público, contribuição para a descentralização, ideologias da companhia e políticas culturais.....	20
3. O meu estágio curricular.....	24
3.1. Caracterização do estágio.....	24
3.2. Descrição da peça <i>As Vedetas</i> e métodos de trabalho utilizados.....	27
3.3. Reflexão pessoal sobre o estágio.....	31
Conclusão.....	35
Bibliografia.....	39
Webgrafia.....	40
Anexos.....	44
Anexo 1.....	44
Anexo 2.....	51
Anexo 3.....	52
Anexo 4.....	53
Anexo 5.....	54
Anexo 6.....	55
Anexo 7.....	55
Anexo 8.....	56
Anexo 9.....	59
Anexo 10.....	60
Anexo 11.....	60

Anexo 12.....	61
Anexo 13.....	65
Anexo 14.....	67

Introdução

Desde o início do meu percurso académico na área, que começou com a licenciatura em Teatro, que me questiono sobre a descentralização da arte em Portugal. No segundo ano de mestrado, quando chegou a altura de escolher que trabalho queria realizar, decidi logo optar pelo estágio, por duas razões: nunca ter tido uma experiência numa companhia profissional e poder concretizar o mesmo numa companhia perto da minha zona de residência e fora das grandes cidades, onde a arte está sempre mais em foco, seja na adesão do público, seja nos apoios.

Decidi procurar uma entidade para realizar o meu estágio curricular nos arredores da minha zona de residência, pois são locais que apoiam bastante a cultura e têm sempre muitos eventos relacionados com a mesma.

Nesse sentido, resolvi contactar a companhia O Nariz Teatro, de Leiria e trabalhei com eles em regime de estágio durante seis meses. Ao longo deste estágio consegui perceber que os apoios para companhias que não residem em Lisboa, ou no Porto, são muito mais difíceis de obter, têm muito menos oportunidades e o sustento das mesmas vem de um grande esforço por parte da produção para conseguirem recorrer a outros fundos.

O estágio nesta companhia foi bastante reconfortante por vários motivos. Pude estar diretamente familiarizada com uma companhia profissional e consegui ter mais noção daquilo que é necessário para se gerir uma companhia de teatro. O facto de ter feito estágio também enquanto atriz, forneceu-me experiência prática no âmbito profissional e consegui adquirir vários conhecimentos novos em relação a formas de encenação e representação, que enquanto estamos a estudar nem sempre conseguimos adquirir.

É nas experiências profissionais que posso pôr tudo aquilo que aprendi em prática e perceber quais os métodos que funcionam e os que não funcionam, adaptando-os às opções estéticas de cada companhia e encenador.

Sabemos que, em Portugal, os apoios para a cultura são sempre muito escassos e são vistos como secundários. Quando a DGArtes abre candidaturas, as localidades que por norma são aceites são as grandes cidades, ou seja, nota-se que existe uma grande assimetria nas atribuições dos apoios para a cultura, não obstante a intenção de contemplar com eles diversos segmentos do território nacional, continental e insular.

1. Breve contextualização da descentralização da cultura em Portugal

Descentralizar, segundo o dicionário da língua portuguesa¹, significa (1) desviar do centro; (2) proceder à descentralização de (distribuindo pelas localidades ou entidades as atribuições do governo central); por sua vez descentralização significa (1) ato ou efeito de descentralizar, (2) sistema político que impugna a acumulação dos poderes no governo central. Pode-se com isto concluir que o termo descentralização está diretamente associado ao governo e à política. Este conceito iniciou-se quando, na Constituição de 1822, decidiram criar os municípios, onde cada concelho passaria a ter uma câmara.

O governo económico e municipal dos concelhos residirá nas câmaras, que o exercerão na conformidade das leis e, que haverá câmaras em todos os povos, onde assim convier ao bem público. Os seus distritos serão estabelecidos pela lei, que marcar a divisão do território. (Constituição da Monarquia Portuguesa, ano de 1822, Título VI, Cap. II, artigos 218º e 219º, p. 87).

Devido a este argumento, na Constituição da República de 2005, passam a referir que *todos têm direito à educação e à cultura*, passou assim a existir também uma descentralização na educação, dado acesso a todos os jovens e crianças para estudarem em qualquer parte do país.

2- O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida coletiva. (Constituição da República, ano de 2005, TÍTULO III, Cap. III, artigo 73º, p.55).

É igualmente mencionado que o Estado tem o dever de promover a democratização da cultura assegurando o acesso de todos os cidadãos à cultura.

3- O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de

¹ in Dicionário da Língua Portuguesa de 2006, Dicionários Editora, Porto Editora.

moradores e outros agentes culturais. (Constituição da República, ano de 2005, TÍTULO III, Cap. III, artigo 73º, p.55).

A 25 de Abril de 1974, após 41 anos de censura, acontece a revolução que todos conhecemos, que marca o início da democracia em Portugal. Antes deste dia, o lápis azul era o maior inimigo da arte e dos artistas.

Livros, jornais, revistas, ilustrações, discos, filmes e peças de teatro, nada escapava ao poder do lápis azul e vermelho que escondia “o país que não podia vir a público” e pintava “uma imagem de Portugal pacificado, inerte, pouco conflitual, sem grandes violências, mais de bons costumes do que maus”, nas palavras do historiador e ex-eurodeputado José Pacheco Pereira. (in *Jornal Expresso*, Abril de 2022)².

Durante longos anos, a liberdade de expressão era algo inexistente. Ninguém podia simplesmente partilhar a sua opinião de livre e espontânea vontade, sem medo de ser reprimido ou mesmo julgado pela PIDE³.

Nada era publicado, sem primeiro ser submetido ao exame dos censores. Caso contrário, o regime castigava os periódicos com pesadas multas e sanções ou, em último caso, com a sua suspensão temporária ou definitiva. (...) Na dúvida, “os coronéis” cortavam ou suspendiam os textos, remetendo-os para a Comissão de Censura de Lisboa. De qualquer modo, também o censor estava numa posição fragilizada. Ao mínimo deslize sofria as consequências do seu descuido, podendo mesmo ser demitido. (...) (TAVARES e MALCATA, 2006)⁴.

Com a Revolução do 25 de Abril, em 1974, toda essa censura finalmente acabou. Muitos artistas sentiram a necessidade de se afirmar em vários aspetos, principalmente na questão de tornar o teatro num espaço de partilha coletiva, onde ninguém era censurado e claro, acessível a todo o país e a todas as pessoas. Depois de quase 50 anos de proibições e censura, o teatro português vai em busca do restabelecimento e atualização das linguagens estéticas e dos estilos dramáticos que até então foram repreendidos⁵.

² Consultado em <https://expresso.pt/revista/culturas/2022-04-14-O-lapis-azul-que-escondia-o-pais-que-nao-podia-ir-a-publico-3399d325>.

³ Polícia Internacional e de Defesa do Estado- foi a polícia política portuguesa entre 1945 e 1969, responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político do Estado Novo.

⁴ Artigo *Censura, no tempo do lápis azul*, de Carla Amaro.

⁵ *O Teatro Português E O 25 De Abril: Uma História Ainda Por Contar*, de Eugénia Vasques, 1999.

Com a Revolução, o teatro português sentiu a urgência de transmitir ao seu público essencialmente questões políticas. O teatro passou a ter um caráter mais informativo, educativo, de partilha e exposição de opiniões. Os artistas começaram a ter uma visão mais voltada para a política e começaram, finalmente, a poder manifestar-se e expressar-se em relação a isso. O teatro começou a ser mais valorizado e começaram a surgir mais companhias de teatro em várias regiões do país. A arte pode finalmente sair à rua!

Após o 25 de Abril, Mário Barradas afirma que Portugal era, sem dúvidas possíveis, o país culturalmente mais atrasado de todo o contexto europeu. Começou a abordar-se o tema da descentralização da cultura, que foi iniciada por nomes como Mário Barradas e Norberto Ávila⁶. Começaram-se então a criar centros culturais que eram dirigidos por pessoas radicadas nessas regiões, atendendo às necessidades e aos interesses locais. No dia 25 de setembro de 1974, Norberto Ávila apresentou ao Diretor-geral da Cultura Popular e Espetáculos, um documento chamado *Sugestões para uma descentralização teatral*. Neste documento, Norberto mencionava a necessidade da digressão das companhias existentes na altura, a criação de grupos profissionais, ou semiprofissionais, que se integrariam em centros dramáticos. Indicou também quais as principais cidades em que seria oportuno iniciar a criação de centros dramáticos, para a iniciação da descentralização.

A 11 de Janeiro de 1975 é publicado o despacho que cria o Centro Cultural de Évora, cujo diretor era Mário Barradas e o encenador Luís Varela, dirigindo a recém-criada Escola de Formação de Atores. Este Centro Cultural, denominado, desde 1991, como CENDREV (Centro Dramático de Évora) nasce devido à urgência de se fazer teatro em várias regiões do país. Escolheram a cidade de Évora devido à situação geográfica, à existência de um Teatro Municipal (Garcia de Resende), à presença de um público interessado, às tradições culturais da cidade, ao interesse arquitetónico da cidade e ao clima durante o verão, que criava boas condições para a concretização de um festival de verão. A atividade teatral no atual CENDREV iniciou-se nesse mesmo ano 1975⁷.

⁶ Norberto Ávila: dramaturgo, romancista, contista e poeta português, nasceu em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, Açores, a 9 de setembro de 1936. Faleceu a 11 de Maio de 2022, em Lisboa.

⁷ Informação obtida a partir do relatório de estágio de Beatriz Lousã Marques Sousa, *Descentralização Cultural, Uma Leitura Através Do Teatro – Caso De Estudo Prático Do Centro Dramático De Évora*, p. 11-12.

2. O NARIZ Teatro

2.1. Caracterização da companhia, equipa e repertório

*Desde 1994 que “O Nariz” – Teatro de Grupo exerce ininterruptamente um leque variado de atividades culturais, quer na criação e apresentação de espetáculos de Teatro quer na edição de textos teatrais, quer ainda no acolhimento e divulgação de novos projetos das várias áreas artísticas.*⁸

O **Nariz Teatro** é uma companhia de teatro situada na **região de Leiria**, desde **1994**, fundado por **Pedro Oliveira**, ainda o diretor e encenador da mesma. Pedro é natural de Lisboa, mais concretamente de Queluz, *cresce na coletividade do bairro, um segundo lar, fascinado com os espetáculos e o alvoroço dos bastidores. Na escola, começa a brincar aos teatros, sátira política e social. Estamos no período revolucionário do pós-25 de Abril, Queluz acolhe uma vaga de portugueses das ex-colónias. Emprega-se pela primeira vez, a instalar alcatifas e papel de parede. Chegam os dias da tropa, os cursos de representação em Lisboa, o primeiro cachê, aos 23 anos, numa peça de rua em que também participa João Lagarto. Dá-se com atores, não lhe falta trabalho na capital, mas concorre a um anúncio de emprego e acaba indicado pelo Banco de Portugal para Leiria. O ator matriculado no primeiro ano de História da Universidade de Coimbra chega à cidade do Lis para vestir a pele de bancário.*⁹ No entanto, sempre soube que o papel da sua vida passava pelo palco e o seu propósito seria vestir personagens. Então, já na cidade de Leiria, Pedro inicia o seu trabalho com o Teatro das Quatro Estações e aqui, conhece **Vitória Condeço**, atual produtora do Nariz e juntas criam a tão conceituada companhia do Nariz Teatro. Pedro sempre se caracterizou como *dono do seu nariz* e nasce daí o nome da companhia.

O ator e encenador refere que Leiria era *um deserto de público, criação e divulgação* e pretendiam combater isso com a companhia, criando então o Festival ACASO, em 1995. Este festival nasceu com um subsídio de mil contos da Câmara Municipal de Leiria. Pedro afirma que *o teatro se faz em qualquer lugar e com as pessoas que forem precisas*. Primeiramente a sede da companhia era no Orfeão Velho, na Rua Latino Coelho, centro histórico da cidade e a primeira peça que realizaram foi *O Meu Pequeno País*, um texto de Luís Mourão, que ainda hoje trabalha com a companhia. Seguidamente, Pedro trabalhou com Pedro Alpiarça, até à sua morte. Depois do falecimento do seu companheiro de cena, Pedro começa uma fase em que

⁸ Citação de <https://www.onarizteatro.pt/o-nariz/>.

⁹ Retirado de <https://preguicamagazine.wordpress.com/2013/09/19/eu-pedro-em-2-minutos-e-48-segundos/>.

protagoniza diversos monólogos, que caracteriza como *um trabalho de solidão pura, que é esgotante e nos faz crescer*. Em 2010 a companhia abandona o Orfeão Velho, onde apresentou diversas peças como *O Romance da Raposa*, de Aquilino Ribeiro, *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, *Um Lugar Entre Porcos*, de Athol Fugard, *Vimos Todos de Outro Lado*, de Luís Mourão, entre tantos, tantos títulos e passa a instalar-se num barracão industrial transformado em casa do teatro, devido à persistência da companhia, que se nega a desaparecer na província. A companhia fica então a residir nesse barracão rodeado de arte, na Rua Tenente Valadim, mais concretamente no Recreio dos Artistas, localizado no colorido Pátio do Jordão.

Pedro é considerado uma pessoa excêntrica, marcante, com presença e inesquecível. Tem uma imagem peculiar, cabelo rebelde e estilo descontraído, tranquilo e imperturbável. É uma pessoa com um caráter e personalidade forte, simpático, delicado, com um sentido de humor bem vincado e penetrante, uma cultura geral bem recheada e uma persistência inacabável. Pedro traz consigo um bocadinho de cada personagem que vestiu em cima dos palcos, como se, de certa maneira, tivesse mesmo vivido cada uma daquelas vidas. A Vitória é o seu pilar, também considerada uma pessoa bastante persistente, sem papas na língua, muito trabalhadora e determinada. A Vitória Condeço é quem trata de toda a gestão, promoção e produção da companhia. Pedro caracteriza-a como sendo *o suporte disto tudo, se não fosse ela, não funcionava*. A Vitória é quem corre atrás e torna reais os pensamentos artísticos do Pedro, é quem luta com unhas e dentes para que tudo se torne possível de realizar, de uma forma incansável.

Atualmente, esta companhia organiza vários eventos de teatro, música, leitura, performance e trabalha com os mais variados artistas. É uma companhia inclusiva e que respeita, acima de tudo, os valores e direitos dos artistas que contrata. O diretor da companhia encena, interpreta e dirige algumas peças que fazem parte do repertório e também *As Vedetas*, que realizou em contexto de estágio, com as alunas que recebeu da escola superior de teatro e cinema. A equipa de artistas que geralmente compõe o NARIZ Teatro vai surgindo ao longo do repertório que passo a mencionar. O repertório fixo que faz parte da companhia é composto pelas seguintes peças *Príncipezinho*, *O Dom Rixote*, *A Visita do Marquês*, *Eram só pedras quando tudo começou* e *Contos ao pôr do sol ou Quem conta um conto acrescenta um canto*.

O *Principezinho* é uma adaptação da obra de Antoine de Saint Exupéry¹⁰. É uma criação de teatro de formas animadas, para maiores de 6 anos e pode ser realizado ao ar livre, numa sala de aula, biblioteca ou num pequeno auditório, tem uma duração aproximada de 40 minutos e está pensado para acolher cerca de 30 pessoas por sessão. A manipulação e interpretação são feitas pelos atores Pedro Oliveira e Francisca Passos Velha. A adaptação e encenação foram feitas por Pedro Oliveira.

... um aviador, perdido no deserto, encontra um rapazinho que vem de um distante asteroide, onde vive sozinho com uma única rosa. Trata-se, antes de mais, do encontro de duas solidões, correspondentes ao desdobramento da personalidade do autor: o adulto Exupéry (aquele que um ano depois, desapareceria, quando pilotava o seu avião sobre o Mediterrâneo) e o rapaz que ele foi, a criatura natural, ainda não corrompida pelo mundo, logo, mais próxima do ser e da sua essência. (Sinopse de Álvaro Magalhães¹¹).

Este espetáculo é apoiado pela Direção Geral das Artes (DGArtes¹²) e já passou por diversos festivais, museus, cidades, escolas e casas da cultura, como por exemplo:

- Terceira e São Miguel (Açores, Abril 2022);
- Casa da Cultura (Pedrógão Grande, Outubro 2021);
- Quinta da Caverneira (Porto, 2021);
- Momo- Museu do Circo (Lousã, 2021);
- 25º Sementes- Mostra Internacional de Artes para o Pequeno Público (2020);
- 25º ACASO- Festival Internacional de Teatro (2020);
- M|I|MO- Museu de Imagem em Movimento (Leiria, 2020);
- Escolas no Concelho de Leiria, Batalha e Marinha Grande (2019);
- FITIJ- Festival Internacional de Teatro Infanto-Juvenil (2019);
- 24º ACASO – Festival Internacional de Teatro (2019).

¹⁰ Escritor, ilustrador e piloto francês.

¹¹ Escritor português de livros e contos para crianças.

¹² A Direção-Geral das Artes (DGArtes) é um organismo do Ministério da Cultura da República Portuguesa que tem por missão a coordenação e execução das políticas de apoio às artes em Portugal, com a prioridade de promover e qualificar a criação artística, bem como garantir a universalidade da sua fruição.

A peça *O Dom Rixote* é uma peça burlesca de natureza patética, baseada no extraordinário romance escrito, no século XVI, por Miguel de Cervantes¹³, *Dom Quixote*. Esta comédia dramática, parte da premissa de que o papel dos guerreiros – heróis de antigamente – hoje em dia é interpretado pelas estrelas de futebol. Toda a peça se passa no mundo da bola, girando à volta do idealismo fantasioso da personagem principal e a realidade futebolística, onde este e o seu companheiro Sancho atuam. Este texto traz à memória uma época dourada no futebol português dos anos 40 e 50 e faz referência a vários nomes de jogadores de futebol da época. O texto e encenação são de Pedro Wilson e a interpretação é feita por Pedro Oliveira e Nuno Crespo. É uma peça para maiores de 16 anos.

Este espetáculo já foi apresentado nos seguintes festivais:

- Festival Cómico da Maia (Outubro 2021);
- 25º ACASO – Festival Internacional de Teatro (2020).

Tanto a *Visita do Marquês* como *Eram só pedras quando tudo começou*, são visitas guiadas encenadas, realizadas no Mosteiro da Batalha, ambos os textos são de Luís Mourão e a encenação de Pedro Oliveira. A *Visita ao Marquês* serve para ficar a conhecer melhor os pormenores e as grandes narrativas desde o esplendoroso portal ao panteão real, do claustro real ao dormitório, da cozinha ao refeitório do Monumento por excelência da Independência Nacional e da afirmação da segunda dinastia dos reis de Portugal. É interpretado por Filipe Eusébio, João Bandeira, Nuno Crespo e Pedro Oliveira. *Eram só pedras quando tudo começou* é como uma homenagem aos arquitetos que fizeram o Mosteiro da Batalha. Os atores realizam uma visita rápida por alguns dos pontos chave do desenho arquitetónico do monumento, desde o Portal de Huguet (e que abre o corpo do Mosteiro, à vila, a Portugal e ao Mundo), ao Portal de Mateus Fernandes, que envolve num manto de delícias e subtilezas as Capelas nunca mais completas. A interpretação é de João Bandeira, Nuno Crespo e Pedro Oliveira.

Contos ao pôr do sol ou Quem conta um conto acrescenta um canto é uma sessão de música juntamente com contadores de histórias, histórias essas que podem ser tradicionais ou de algum autor específico, adágios, trava-línguas e lenga lengas da língua portuguesa, contadas ao pôr do sol, ao ar livre. Os contadores que fazem parte deste evento são Ana Moderno, Antonella Gilardi, João Augusto, Liliano Gonçalves, Luís Mourão, Pedro Oliveira, Vitória Condeço; os músicos que compõe o elenco são Diana Catarino (saxofone), Joni Serra (gaita de

¹³ Romancista, dramaturgo e poeta castelhano.

foles e harmónicas), Marciano Silva (voz), Berto Bé (guitarra) e Daniel Reis (hang, halo e bells); as ilustrações são de Rui Pedro Lourenço.

Estas sessões já tiveram um longo percurso e já passaram por sítios como:

- Chaves en' Festa – Auditório do Centro Cultural de Chaves (Junho 2021);
- Mercado de Sant'Ana – Angariação de fundos ReFood (Leiria, Outubro 2019);
- Encontro do Conto de Gaia (Gaia, Setembro 2019);
- Jardins da Vila Portela – ACASO Festival Internacional de Teatro (Leiria, Setembro 2019);
- JazzMinde (Junho 2019);
- Castanheira de Pêra/Praia das Rocas (Junho 2019);
- ACASO Festival Internacional de Teatro (Rio Maior/Salinas, Outubro 2018);
- Cem Soldos (Tomar, Junho 2018);
- Antiga escola de Pisões – Associação Filho Sarilho (Pataias, Outubro 2017);
- Escolas de 1º Ciclo de Pedrógão Grande (Outubro 2017);
- Castelo de Ourém (Julho 2017);
- Festival A Porta (Leiria, Junho 2017);
- Museu de Leiria (Maio 2017);
- Museu da Batalha (Maio 2017);
- Mosteiro da Batalha (Batalha, Novembro 2016);
- Teatro Stephens (Marinha Grande, Outubro 2016);
- Festival Folio (Óbidos, Outubro 2016);
- Santarém (Setembro 2016);
- N. Sra. Encarnação (Leiria, Setembro 2016);
- Moinho do Papel (Leiria, Abril 2016);
- Festival i (Águeda, Maio 2015);

- Festival Internacional de Teatro “Fazer a Festa” (Jardins do Palácio de Cristal, Porto);
- Festival Internacional de Teatro “Sementes” (Jardins da Casa da Cerca, Almada);
- Jardins da Casa-Museu João Soares (Cortes, Leiria);
- Castelo de Leiria (Leiria).

Este ano corrente, 2023, a companhia apresentou também uma sessão de contadores de histórias, chamada **Contos de Reis**, no dia 6 de janeiro no espaço do Nariz teatro. Alguns dos contadores que fizeram parte desta sessão foram Ana Moderno, Berto Bé, Daniel Reis, Diana Catarino, Liliana Gonçalves, Luís Mourão, Marciano Silva e Pedro Oliveira, entre outros. Passo a citar a notícia que saiu sobre este evento, no Jornal Expresso, que resume de forma explícita em que consiste o mesmo: *O grupo cita a escritora e contadora de histórias Karen Blixen que defendia que, “sem histórias, a espécie humana teria perecido, como teria perecido sem água”. “As histórias transportam-nos para um cenário que se desenha com palavras, abrindo portas e janelas na banalidade dos dias, acordando a curiosidade e o desejo de modificar o seu olhar sobre o que o rodeia”, reforça o grupo de teatro. “Sem histórias o mundo limitar-se-ia a existir (...) As histórias transportam-nos para um cenário que se desenha com palavras”. Segundo Pedro Oliveira, responsável pelo O Nariz e um dos contadores que estará de serviço, o nome da sessão joga com a relação entre o dia de Reis e a expressão “conto de réis”, que era usada em Portugal para indicar mil escudos (o equivalente aproximado aos atuais 5 euros). (...) Aos contadores será proposto partilharem sobretudo “as muitas histórias que há sobre reis, princesas e príncipes”, embora o programa da noite “seja livre, ao gosto de cada um”, para “proporcionar o encontro entre contadores e o público”.*¹⁴

2.2. Eventos anuais do Nariz Teatro

Além dos espetáculos, esta mesma companhia organiza e produz o **ACASO Festival Internacional de Teatro**¹⁵ (desde 1996 em setembro e outubro em vários concelhos dos distritos de Leiria e Santarém). O ACASO é o evento de artes cénicas e performativas mais antigo e de maior duração da Região Centro Litoral. O ACASO está apoiado em parcerias com autarquias, empresas, associações de impacto social e cultural, estruturas de criação artística e

¹⁴ Retirado de <https://expresso.pt/revista/culturas/teatro/2022-12-27-Em-Leiria-festejam-se-os-Reis-contando-historias-13672cbd>.

¹⁵ Festival ACASO <https://www.onarizteatro.pt/acaso/>.

festivais congéneres sendo hoje uma marca da Região e de Leiria. Os vários programas são desenvolvidos em colaboração com a agenda cultural da cidade de Leiria e fazem já parte da sua programação. Através de atividades já desenhadas, inova e reinventa-se todos os anos com novas histórias, novos parceiros, novas apresentações e novos talentos.

Todas as atividades previstas e programadas na presente candidatura são já referência regional, nacional e internacional, contemplando características indubitavelmente inovadoras e originais, no setor cultural, tanto no campo musical e teatro como também cruzamentos disciplinares e património, material e imaterial.

O ACASO é um festival bastante apelativo e capaz de reunir um público bastante consistente e participativo. O facto de o programa ser aberto à cidade e aos seus cidadãos, promovendo uma sensibilização para a cultura, encontros e partilha, com uma forte componente também educativa e capacitação dos próprios atores, faz com que os habitantes desta região e arredores manifestem interesse em assistir aos espetáculos do mesmo, mantendo-se assim um público sólido anualmente. Adicionalmente, permite o cruzamento e circulação de profissionais nacionais e internacionais, numa atividade rica em experiências e trocas de saberes. Os seus profissionais multifacetados, com reconhecido mérito, têm uma experiência de vários anos no teatro.

O ACASO que vai ser organizado este ano corrente, 2023, assenta ainda, nos valores do Nariz, com um especial enfoque em histórias e textos pensados para monólogos, com histórias de vida, trabalhadas com a individualidade e os temas atuais. Temos espetáculos que tratam grandes temas (ainda) fraturantes, como a submissão e ascensão feminina ao poder, em *Agripina a Menor*, personagens poderosas num tempo de guerra, ou ainda personagens que vivem no submundo do mundo, como a história de *Lady Veneno*, *Drag Queen* ou *De Mary para Mary*, peça que visa consciencializar o público para a luta pela igualdade de género. entre tantas outras. O facto de este festival ser bastante inclusivo e versátil, em todos os aspetos, é uma benesse para a atração e o envolvimento da sociedade.

São histórias com excelentes produções, e elencos de qualidade, ecléticas. Contemplam artistas com uma visão alargada, inclusiva, que nos transportam para o mundo global, plural. Provocam-nos um sentimento de questionamento, num diálogo intercultural, que nos remete para valores de individualidade de conjunto, cidadania, inclusão, acessibilidade. Possibilitam uma oferta cultural num território ainda muito marcado pela interioridade, com muito a trabalhar no que respeita à educação cultural e abertura a conceitos de coesão, cidadania e

aceitação. Algumas das abordagens, dos temas em questão, estão preparadas para os mais jovens, num compromisso de públicos diversos e captação e mediação. Pretende-se que o evento ACASO seja um movimento proativo para uma maior e melhor consciencialização e aceitação das várias diferenças existentes numa sociedade global. O Nariz contribui assim para um maior equilíbrio e equidade da sociedade no acesso à cultura. O Município de Leiria, publicou, relativamente ao Festival ACASO deste presente ano que, *o 23º Acaso sobe ao palco, em Leiria, Marinha Grande, Batalha, Pedrógão Grande, Rio Maior e Fátima, de 20 de Setembro e até 31 de outubro, com espetáculos de teatro, poesia, cinema, performance, música e exposição. Organizado pelo ‘O Nariz – Teatro de Grupo’, em Leiria, os espetáculos decorrem no Teatro José Lúcio da Silva, Teatro Miguel, edifício Banco de Portugal e Espaço O Nariz, na rua Tenente Valadim. Com um programa mais vasto do que nos anos anteriores, O Nariz – Teatro de Grupo aposta também nesta edição em espetáculos para os públicos infantil e juvenil com o objetivo de cativar os públicos mais jovens através de uma oferta adequada a estas faixas etárias. O 23º Acaso é já um marco cultural de referência para a região centro. Em Leiria, o público vai, com certeza, disfrutar de um leque de espetáculos de grande qualidade.*¹⁶

Terá lugar um pré ACASO composto por residência artística com um grupo de refugiados afegãos, residentes em Leiria, cujo tema a abordar é direitos humanos - direitos fundamentais¹⁷. Pedro deu uma entrevista ao jornal da Região de Leiria, onde salienta que *existem cada vez mais festivais em Leiria e aqui à volta e os grupos com quem costumávamos trabalhar estão a passar por esses sítios, nos festivais ou na programação da Rede Portuguesa de Teatros e Cineteatros. Não faz sentido nenhum estarmos a trabalhar para ‘chover em cima do molhado’ aquilo que mais ninguém traz e internacionalizar cada vez mais, trazendo a palco “grupos que não estão nestas redes e gente que esteja a aparecer com projetos novos”. Esses grupos, segundo o diretor “saem um pouco dos cânones e dos parâmetros habituais do teatro”, caracterizadas por “uma certa provocação a nível intelectual”. Este ano o festival traz cerca de 20 espetáculos, que são apresentados num mês. Existem 8 produções internacionais, vindas de países como de Espanha, França, Israel, Itália, Reino Unido, Chile e Argentina. Queremos tornar o Acaso mais forte, com outro tipo de leitura do próprio festival. Isso interessa-nos*

¹⁶ Retirado de <https://www.cm-leiria.pt/municipio/gabinete-de-comunicacao/noticias/arquivo-de-noticias/noticia/23-festival-de-teatro-acaso-traz-a-leiria-a-arte-de-talma-e-muito-mais>.

¹⁷ *Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas. Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante,* retirado do site da UNICEF.

profundamente, não para ser diferente dos outros, mas é para fazer diferente dos outros, revela ainda a organização do festival. O festival começa em 29 de setembro com a estreia no Teatro Miguel Franco (TMF) do monólogo *Agripina*, a partir de texto de Victor Martins Sant’Anna.

Entre 6 e 8 de outubro, são apresentadas sete propostas de teatro e performance para famílias, com *Arriba las Hu! Manos* (Chile e Argentina), *Drew Colby* (Reino Unido), *Jacob Tealdi* (Itália), *Arawak* (Espanha), *Os Náufragos Teatro* (Espanha), *Surprise Effect* (França) e companhia Marimbondo.

De Espanha chega também o Teatro Consentido, com *Champán por las tetas*, em 13 de outubro, no TMF, palco por onde passa no dia 15 do mesmo mês *Control freak* de Kulu Orr (Israel) e, no dia 19, a já referida *De Mary para Mary*, da Barraca. Nos dias 20 e 21 de outubro o festival vai até à Marinha Grande com *Ninho*, da Particulares Elementares. No dia 21 de outubro, a mesma companhia apresenta *João Pé de Feijão* no Auditório Municipal da Batalha e em Leiria irá estrear o filme *O mister da estrada de Sintra*, de António Cova. O Teatro Extremo faz parte da programação com *A.norm@l* no TMF, a 22 de outubro. Em 27 de outubro, o Teatro Nacional D. Maria II leva ao Teatro José Lúcio da Silva *O meu amigo H*. A programação do festival termina a 28 de Outubro com *As leis fundamentais da estupidez humana*, da companhia LAMA com Noiserv, também no TMF.¹⁸

O Nariz organiza também o evento **CriaJazz Festival Novo Jazz**¹⁹ (iniciou no ano 2020 com o apoio de Leiria Cidade Criativa da Música - Rede UNESCO²⁰-a UNESCO anunciou no dia 30 de outubro de 2019, no seu site, a designação de Leiria como Cidade Criativa na área da Música. A distinção é feita no âmbito das comemorações do Dia Mundial das Cidades, comemorado a 31 de outubro, em que a UNESCO divulga uma lista de 66 cidades de todo o mundo que se juntam à Rede de Cidades Criativas da Organização, que agora soma um total de 246 membros²¹.

¹⁸ Informações obtidas através de <https://www.regiaodeleiria.pt/2023/09/festival-acaso-reinventar-se-em-leiria-com-20-espetaculos-num-mes/>.

¹⁹ CriaJazz <https://www.onarizteatro.pt/agenda/criajazz/>.

²⁰ UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma agência especializada das Nações Unidas (ONU) com sede em Paris, fundada em 4 de novembro de 1946 com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados-Membros – hoje são 193 países – na busca de soluções para os problemas que desafiam as nossas sociedades.

²¹ Retirado de <https://www.cm-leiria.pt/municipio/gabinete-de-comunicacao/noticias/noticia-3/unesco-designa-leiria-como-cidade-criativa-da-area-da-musica>.

Este festival foi iniciado já em tempo de pandemia pela necessidade de continuar o acolhimento aos músicos de jazz proporcionado pelo grupo de teatro nos últimos 16 anos, em sessões de programas como o *Jazz às Quintas* ou as *Noites com Jazz*, que reuniram artistas portugueses e estrangeiros). Foi também uma forma da companhia não interromper a sua atividade de forma total aquando a pandemia, continuando a promover a arte e a ajudar os artistas da cidade.

O Criajazz e ACASO são programas abertos à cidade e aos seus cidadãos, promovendo uma sensibilização para a cultura, encontros e partilha, com uma forte componente também educativa e capacitação, cruzando domínios entre a música (Jazz²²), teatro e histórias.

O Nariz Teatro produz ainda o **Encontro Internacional de Contadores e Narradores Oraís** em escolas (é um evento anual desde 2017, no mês de fevereiro, em vários concelhos dos distritos de Leiria e Santarém). Dá voz a diversas narrativas e à cultura imaterial, sendo os contadores de histórias e narradores orais envolvidos, os mediadores fundamentais na passagem de conhecimento. Compreender o mundo que nos rodeia e desenvolver o espírito crítico são pontos-chave neste processo recorrendo a contos tradicionais, trava línguas, narrativas e todas as formas de expressar memórias e mensagens que se transformam numa reflexão para cada ouvinte. O Encontro Internacional de Contadores e Narradores Oraís em escolas, potencia a acessibilidade e promove a participação e qualificação do público escolar, valorizando a educação, sensibilização e experimentação para a cultura através da mediação. Adicionalmente, permite o cruzamento e circulação de profissionais nacionais e internacionais, numa atividade rica em experiências e trocas de saberes.

No seu plano mais educativo, o seu projeto Contadores de Histórias chega a várias escolas regionais e potencia, talvez, os primeiros contactos de crianças com o teatro, potenciando a sensibilização e criação de públicos, numa lógica de projeto de mediação. Na estrutura colaboram cerca de 9 profissionais inquestionavelmente competentes e altamente

²² De acordo com o dicionário, **jazz** é um estilo musical norte-americano caracterizado por **improvisação**, ritmos sincopados, execução em conjunto contrapontístico e feições melódicas especiais, peculiares à interpretação individual de cada tocador. O jazz surgiu entre 1890 e 1910 em Nova Orleans, nos Estados Unidos. O ritmo que mais influenciou esse novo estilo foi o blues. O surgimento do jazz tem como matriz principal a cultura africana. As pessoas capturadas na África e levadas ao solo norte-americano para serem escravizadas tinham na música e no canto uma espécie de "refúgio" no qual podiam expressar-se. Assim, durante o trabalho nas plantações de arroz, algodão, açúcar e tabaco, os trabalhadores entoavam canções coletivas, retirado de <https://www.todamateria.com.br/jazz/>.

reconhecidos no mundo desta arte, com experiência profissional meritória. Todos têm formação superior na área da representação, teatro, música e currículos ricos e invejáveis na sua área. Todos os anos participam profissionais diferentes, à exceção de alguns que se vão repetindo. A RTP escreveu um artigo sobre este evento, relativo ao ano corrente, que explica muito bem em que o mesmo consiste,

(...) Iniciativa do grupo de teatro O Nariz, de Leiria, o encontro promove expressões orais de transmissão de conhecimento enquanto “veículo de agregação cultural”, explicou a organização. “Apostámos desde sempre neste caminho”, avançou o grupo, que, desde 2003, promove sessões de histórias com contadores locais, nacionais e internacionais. “Ano após ano demos voz a diversas narrativas e à nossa cultura imaterial, sendo os contadores de histórias e narradores orais envolvidos os mediadores fundamentais na passagem de conhecimento, proporcionando ao público momentos de cultura e lazer” (...). Para essa missão foram convocados a italiana Antonella Gilardi, o espanhol Celso Fernández Sanmartín, o argentino Rodolfo Castro, a angolana Patrícia Amaral e os portugueses Carlos Marques, Jorge Serafim e Cristina Taquelim. De segunda-feira a dia 10, as sessões chegam a escolas dos concelhos da Batalha, Marinha Grande e Leiria, e também a Santarém. Ao todo, entre turmas do pré-escolar até ao secundário, passando também por instituições de solidariedade social, estas histórias vão chegar a quase dois mil alunos, avançou O Nariz. Nos dias 10 e 11, em Leiria, há narração de contos para o público em geral, primeiro na sede do grupo de teatro e no dia seguinte no Teatro Miguel Franco. O Nariz acredita que “os adágios, contos tradicionais, trava línguas, narrativas e todas as formas de expressar memórias e mensagens” se podem transformar “numa reflexão para cada ouvinte”. Para o grupo de teatro, esta é uma forma de contribuir para “combater a iliteracia, compreender o mundo e desenvolver o espírito crítico”²³.

2.3. A consistência do público, contribuição para a descentralização, ideologias da companhia e políticas culturais

Ao longo dos textos acima escritos já foram referidas várias formas que esta companhia adota para a consistência dos seus públicos, para além disso, refiro também que numa lógica de serviço público, considerando o cariz multifacetado e a apresentação em espaços públicos,

²³Retirado de https://www.rtp.pt/noticias/cultura/encontro-internacional-de-contadores-leva-narradores-de-cinco-paises-a-leiria-e-santarem_n1464399.

possibilitando encontros e partilhas, através da cultura, o Nariz tem vindo a trabalhar no sentido de chegar a diversos públicos, procurando promover algumas ações comunitárias e inclusivas para públicos excluídos e desfavorecidos, como é exemplo o público sénior ou com desordem psíquica, mental ou cognitiva, onde os mesmos são desafiados a fazer parte do elenco.

De referir ainda a preocupação de tentar atingir a sustentabilidade dos programas e as condições dignas de trabalho aos profissionais do Nariz, na perspetiva em que trará sustentabilidade económica, que se repercutirá na sustentabilidade social de profissionais e públicos, com uma maior segurança e potenciando que novos apoios se concretizem. Privilegiamos o texto e o trabalho do ator. Com textos clássicos ou atuais, os projetos criados de raiz, performances, pautam-se pela contemporaneidade.

Durante quase duas décadas a companhia acolheu estruturas e artistas em início de carreira e/ou projetos emergentes e deram/dão voz e lugar a estruturas/coletivos, numa região, que doutra forma não têm acesso.

Embora não tenha sido possível ao Nariz nestes anos celebrar contratos de trabalho com estes profissionais, tanto homens como mulheres, garantindo uma maior segurança e sustentabilidade económica, o Nariz preocupa-se com as suas condições de trabalho e dignidade da sua profissão e vida. Dada a elevada dependência de apoios anuais e/ou pontuais, todos os profissionais reconhecem o esforço e mérito da estrutura, pelo que se têm mantido muito fiéis ao projeto com vínculo de prestação de serviços, realizando trabalhos à medida das solicitações.

A direção do Nariz revela enorme satisfação ao ter conseguido ser aceite numa candidatura que propõe e permite a oportunidade de celebrar um primeiro contrato de trabalho para um dos profissionais, o que vem promover a criação de uma estrutura mais profissionalizada e potenciar melhor organização administrativa, ganhando competências internas para melhorar a capacitação do Nariz, bem como permitir maior sustentabilidade tanto para o profissional como para a associação.

Esse contrato será feito com o ator Nuno Crespo colabora com o Nariz desde 2017 e tem revelado uma enorme entrega ao projeto, vindo a tornar-se uma mais valia para o projeto, uma vez que, para além de ator, revela excelentes competências de organização, planeamento e comunicação.

No Nariz observa-se uma efetiva abertura quanto à diversidade, igualdade de género, inclusão e sustentabilidade, com valores que vão de encontro a estes princípios, como aliás se

pode comprovar pelo número de mulheres e homens constituintes da equipa core, praticamente em paridade. O Nariz é uma estrutura que há cerca de três décadas 'alberga' artistas e profissionais de gabarito e que possibilita experimentar e inovar na cultura local, regional e nacional.

Como se pode notar nos percursos que a companhia realizou com os espetáculos do seu repertório, a mesma já passou por diversas cidades de Portugal, contribuindo assim para a descentralização da cultura. Nomeadamente:

- vários locais na cidade de Leiria (a cidade residente);
- Pombal (27km de Leiria);
- Marinha Grande (11km de Leiria);
- Batalha (14km de Leiria);
- Alcobaça (31km de Leiria);
- Lousã (96km de Leiria);
- Chaves (310km de Leiria);
- Tomar (51km de Leiria);
- Gaia (244km de Leiria);
- Pataias (27km de Leiria);
- Ourém (48km de Leiria);
- Óbidos (62km de Leiria);
- Castanheira de Pêra (76km de Leiria);
- Santarém (82km de Leiria);
- Águeda (130km de Leiria);
- Almada (152km de Leiria);
- Porto (185km de Leiria);
- Pedrógão Grande (76km de Leiria);

- Ilha Terceira e São Miguel- Açores (1586km e 1429km respetivamente, a partir do aeroporto de Lisboa).

Como se pode notar, ao longo de quase 30 anos de existência a companhia Nariz Teatro já passou por muitos locais do país, contribuindo assim, de forma bastante assídua para a descentralização da cultura.

Ao analisar as **políticas culturais nacionais**, no Programa XXII do Governo Constitucional, pude notar que a companhia referida cumpre vários parâmetros que constam neste programa. Como por exemplo:

- A inclusão e envolvimento;
- A sustentabilidade, investimento, inovação e coesão social e territorial;
- A diversificação e intensificação a experiências dos públicos nos equipamentos culturais, de forma a trazer mais e novos públicos ao património cultural;
- Iniciativas que contextualizam o património histórico, convidando o público a viagens culturais ao passado;
- O incentivo amplo ao acesso às artes através da descentralização;
- Promover a cultura junto de um público infantil;
- O desenvolvimento de projetos culturais para as zonas e pessoas social e economicamente desfavorecidas;
- A interligação entre territórios e artistas;
- Promover a igualdade de género;
- Fomentar projetos culturais e pedagógicos que promovam e divulguem a tradição oral, performativa e popular do património literário e cultural português;
- O desenvolvimento das medidas de promoção de livros e da leitura;
- A internacionalização da arte.²⁴

Os preços dos bilhetes vendidos pela companhia também são bastante acessíveis, nunca ultrapassando os 10€ por pessoa. Inclusive, em algumas peças apresentadas no próprio espaço

²⁴ Informações retirada do Programa XXII do Governo Constitucional, de 2019-2023, pp. 185 a 192.

da companhia, não há um valor estipulado para o bilhete, ou seja, existe uma caixinha à entrada do espaço, onde cada pessoa é livre de deixar o valor que assim entender, deixando um contributo simbólico para a ajuda nas despesas da companhia.

É uma das primeiras e principais companhias desta região que sempre ousou existir e persistir, mesmo com todas as adversidades, mesmo quando o teatro apresentava menor peso e relevância. O facto de a companhia ter uma atividade constante, bem como um público fiel e consistente, é uma mais valia para a estimulação dos objetivos que são mencionados nas políticas culturais nacionais. Efetivamente, o NARIZ fez e tem história!

3. O meu estágio curricular- Atividades exercidas no período de estágio

3.1. Caracterização do estágio e métodos de trabalho utilizados

O meu estágio teve início no dia 8 de novembro de 2022, com a durabilidade de 6 meses, terminou no mês de abril, dia 28, com a apresentação da peça que realizámos durante o estágio, *As Vedetas* de Lucien Lambert.

Tal como consta no diário de bordo anexado, no dia 2 de novembro tive uma reunião com o diretor da companhia, Pedro Oliveira, e com a responsável pela produção, Vitória Condeço, para falar sobre o que iria realizar enquanto estagiária. Decidimos que o meu estágio passaria pela área da representação e também um pouco pela produção. O Pedro pediu que realizasse, juntamente com a outra estagiária, pesquisas de peças que gostaríamos de realizar ou que fossem praticáveis neste âmbito. Realizámos várias pesquisas e leituras e na reunião seguinte debatemos sobre as peças que tínhamos levado. De entre todas, concordámos todos que a mais praticável seria então *As Vedetas*, por ser uma peça com apenas duas personagens, que era o ideal para nós, visto que éramos duas estagiárias e por abordar várias questões relacionadas com o mundo do teatro e da representação.

Esta peça trata várias questões menos positivas do mundo da representação que sempre aconteceram e ao que parece, sempre vão acontecer. Como por exemplo, o físico dos atores importar mais do que o seu conhecimento; escolherem sempre os mesmos atores (vedetas) para os teatros/televisão, os encenadores/realizadores abusarem de algumas atrizes e também, por vezes, serem um pouco “ditadores” e o trabalho do ator fica aquém; só os atores mais conhecidos é que têm protagonismo; existem muitos atores no mundo, mas só uma pequena percentagem é que consegue viver completamente da representação; os pagamentos dos atores

serem sempre curtos, com percentagens e com vários atrasos; a desvalorização da profissão do ator; entre outras questões. Todos estes assuntos são retratados de forma cômica e irónica, as personagens são um pouco caricaturadas.

Como ajudante na parte da produção, realizei alguma pesquisas relativamente a agrupamento de escolas pertencentes ao distrito de Leiria, com a finalidade de promover o evento dos contadores de histórias, fiz um esboço da tabela com as informações relativas aos artistas, escolas e horários para o mesmo evento, criei uma nova ficha de inscrição para as oficinas de teatro de adultos realizadas na companhia e efetuei também uma pesquisa sobre os apoios que a DGArtes abriu para Projetos Simplificados de criação, publicado a 27 de dezembro de 2022.

É claro que a vertente que mais me cativou no estágio foi a representação, pois consegui explorar os conhecimentos que adquiri ao longo do meu percurso académico e utilizá-los para a representação da minha personagem. Ao fazer este estágio académico, alcancei os meus objetivos principais. O trabalho para a encenação desta obra foi feito essencialmente pelo encenador Pedro Oliveira, no entanto, a escolha de figurinos e algumas das adaptações foi feita pelas estagiárias.

Nesta encenação, o Pedro decidiu retirar algumas partes da peça que considerou dramaturgicamente menos relevantes, chegando mesmo a eliminar cenas completas, para que a peça ficasse mais curta e explícita para o público. Efetuou também algumas adaptações de referências musicais, pegando em algumas frases do texto que surgem em letras de músicas portuguesas e fez alterações de palavras e expressões em determinadas frases do texto.

O Pedro caracteriza-se como minimalista e por isso, dispensa, sempre que possível, cenários e acessórios. Não gosta de colocar objetos em cena só para embelezar o espaço, sem que os mesmo tenham um, propósito e significado plausível. Assim sendo, decidiu que esta peça não iria ter qualquer cenário, com o objetivo de que as personagens teriam que conseguir preencher o espaço vazio que o cenário, por norma, ocupa. Ou seja, o encenador pretendia que através da palavra, da elocução e musicalidade do texto, da projeção de voz, da representação e agilidade individual de cada atriz, de um simples desenho de luz, dos movimentos corporais, das diferentes dinâmicas e movimentações em cena, o palco ficasse completamente cheio, sem que fosse necessário colocar cenário ou um desenho de luz elaborado. O facto de esta peça ter várias vezes a representação do teatro dentro do teatro também ajudou bastante na dinâmica da peça.

O encenador queria que esta peça fosse focada essencialmente no trabalho do ator e no quão completo este pode ser, focando-se apenas nas atrizes e na complexidade do texto. Realizámos várias leituras do texto para o decorarmos muito bem e pudermos jogar com ele de forma segura e confiante. Deste modo, conseguimos realizar várias adaptações no texto e ensaiar com várias entoações para que o mesmo não ficasse demasiado cantando e para que fosse possível explorá-lo de diferentes maneiras, para perceber qual seria a melhor forma de o interpretar.

A escolha das personagens foi feita muito rapidamente e de forma bastante eficaz. A peça tem duas personagens, em que uma se caracteriza como sendo bastante morena e a outra loira. Apesar de nenhuma de nós ser loira, a colega que realizou estágio comigo é bem morena de pele e então decidimos que ela ficaria com a Simone (a morena) e eu com a Sylvie (loira). A partir desta decisão, lemos o texto e fizemos a sua contextualização e dramaturgia, para conseguirmos entender bem como era caracterizada cada personagem e qual era o enredo da peça. Posteriormente, iniciámos então os ensaios em palco.

Os **métodos de trabalho** que decidi utilizar e que utilizámos em trabalho conjunto foram:

- Técnicas de improvisação com e sem texto;
- Exercícios corporais para a busca das características físicas da personagem (como anda, como movimenta as mãos, expressões faciais, entre outros);
- Exercícios de voz falada (para aquecer a voz e desenvolver a articulação e dicção) e voz cantada (vocalizos);
- Método das Ações Físicas de Stanislavsky. Cada uma de nós (das atrizes que compuseram o elenco) tem determinadas técnicas de ator para encarnar e interpretar a personagem, aquela que ambas utilizávamos mais foi o Método das Ações Físicas de Stanislavsky, pois, tanto eu como a minha colega, tivemos uma cadeira em Erasmus que era sobre isso mesmo, Método este com o qual já temos algum à vontade e experiência com essa técnica, foi por ele que nos decidimos a escolher para nos ajudar na interpretação da personagem.

O encenador deu-nos total liberdade para utilizarmos os métodos que quiséssemos e assim fizemos. Nos ensaios, explorámos todos os impulsos e realizámos várias experimentações até chegarmos às marcações finais, feitas pelo encenador.

Para dar uma breve contextualização sobre o método de ações físicas de Stanislávski, acho importante referir que é uma metodologia bastante utilizada por profissionais e estudantes da área do teatro. O autor do mesmo acreditava que a ação leva a uma emoção, ou seja, é a partir das experiências físicas de cada um que é gerado um sentimento e não o contrário.

*Os exercícios realizados serviam para ajudar a mover a consciência e a vontade do ator até a elementos psicológicos mais profundos e subconscientes, como a experiência emocional e o comportamento inconsciente. O ator procura, assim, motivos internos que justifiquem a intenção e a motivação da personagem. Depois desta envolvente psicológica, importa que seja concretizada, sendo incentivada a improvisação, procurando corresponder ao desenrolar do enredo (...).*²⁵

Este método incluía distintas práticas físicas, realizadas através de exercícios, que pudessem ajudar o ator a despertar a emoção da personagem, como técnicas de relaxamento físicas e vocais e exercícios de improvisação. Alguns dos exercícios feitos neste sistema e adotados por mim para a interpretação da minha personagem são (1) o ponto de vista emocional sem palavras – expressar o que sentimos quando tocamos em algum objeto, sem utilizar palavras; (2) o inventário do ponto de vista emocional – tudo aquilo que dizemos ou fazemos é expressado no nosso corpo de uma determinada forma, devemos observar as expressões físicas de uma pessoa quando ela fala de alguma coisa; (3) a técnica e o ser orgânico – cada pessoa tem a sua maneira única de sentir cada coisa, quando um ator estabelece uma conexão com o seu verdadeiro ser e trabalha totalmente através da honestidade, vai obter uma interpretação pura e individual; (4) atuação irreverente e transparente – o ator deve expressar o que é genuíno, pois nada substitui a realidade, é o lugar podemos transmitir alguma faceta que está dentro de cada um de nós, mas não nos atrevemos a mostrar ou a ser no nosso quotidiano; (5) palavras evocadoras – as palavras é que nos fazem sentir determinada emoção; entre outros²⁶.

3.2. Descrição da peça *As Vedetas*, de Lucien Lambert

Esta peça é uma satírica comédia escrita por Lucien Lambert. É constituída por duas personagens. A Sylvie, de 26 anos e a Simone de 24. A Sylvie foi representada por mim e a

²⁵ Retirado de <https://comunidadeculturaearte.com/o-sistema-stanislavski-do-teatro-e-do-cinema/>.

²⁶ As referências destes exercícios foram retiradas do livro *A Preparação do Ator*, de Stanislavski, que consta na bibliografia.

Simone pela minha colega. Estas duas personagens apresentam-se como melhores amigas; no entanto são bastantes rivais e cobiçosas uma com a outra, o que demonstra que a amizade delas é apenas feita de aparências. Quando estão juntas, falam-se com respeito, dizendo bem uma da outra com várias bajulações. Quando estão com outras pessoas ou sozinhas, estão constantemente a denegrir a imagem uma da outra, a falar mal, com bastante escárnio e depreciação.

Ambas anseiam por receber o papel principal e vivem com a ambição de serem umas estrelas bastante famosas e com vidas luxuosas; ambas querem ser vedetas. Acreditam na possibilidade de um dia isso vir a acontecer e esperam que seja o mais breve possível. Fazem *castings*, geralmente os mesmos, e sentem inveja uma da outra.

Simone é morena, demonstra ser uma pessoa racional, dura, frontal, sem problema de falar aquilo que realmente sente em relação à sua profissão. Tem consciência de que o mundo da representação não é um mar de rosas e que os realizadores sempre querem as vedetas, as modelos, as loiras, as perfeitas. Simone é uma personagem mais rígida e séria no seu discurso. Sylvie caracteriza-a como uma atriz medíocre, refere que a mesma tem *um ar muito cigano, uma pele baça* e por isso só consegue arranjar papéis *de morena provocante, de puta ou de sedutora*²⁷. Tem 24 anos, solteira e aparenta ter essa mesma idade, é solteira e vive sozinha num estúdio. Aparenta ser mais reservada. Nunca estudou teatro e acha que isso é desnecessário, para ela *representar não é coisa que se aprenda, ou se tem jeito ou não se tem*²⁸. Apesar de tudo, considera-se uma mulher muito fiel²⁹. Tem uma má dicção e projeção, usa um diálogo mais corriqueiro, informal e utiliza palavras obscenas.

Sylvie é uma pessoa mais lunática, ingénua, oportunista, vive mais de aparências e gosta de chamar à atenção. Simone caracteriza-a como uma *falsa loira* e diz que ela se *arma em senhora fina*³⁰. Sylvie surge como uma atriz que se envolve facilmente com os produtores ou realizadores para obter papéis de personagens. É uma mulher mais vistosa, sensual, provocadora, chique na forma de falar e vestir e gosta de se arranjar de forma a ter uma aparência mais velha que a idade que realmente tem, 26 anos. É casada, ainda que isso não signifique que deixe de estar com outros homens. Estudou teatro, fez *dois anos de arte*

²⁷ LAMBERT, 1993 p. 23.

²⁸ LAMBERT, 1993 p.24.

²⁹ LAMBERT, 1993, p.39.

³⁰ LAMBERT, 1993, p.23.

*dramática com a Olga Stomatrixcou*³¹, tem conhecimentos e valoriza a arte da representação. Usa um diálogo mais formal, cuidadoso e pronuncia muito bem as palavras.

A cena 1 é a cena em que ficamos a conhecer as características individuais de cada personagem, é como se fosse uma apresentação para o público ficar a conhecer cada personagem e é nesta cena que fica a perceber o escárnio que elas fazem uma com a outra e também o quão são falsas, pois a meio desta cena elas encontram-se pessoalmente. Aqui o público consegue já identificar também que as personagens são bastante diferentes fisicamente e na maneira de estar e falar.

O encenador frisou que as dissemelhanças entre a Simone e a Sylvie fossem bastante notórias logo no início da peça. Os próprios figurinos transmitem uma grande diferença nas personagens. Simone surge de *jeans*, uma blusa casual, de ténis e cabelo solto. A Sylvie usa um vestido bem justo curtinho, sapatos de salto médio, casaco de peles, cabelo solto e manicure feita. A parte do figurino que eu acho mais importante para a definição de uma personagem é o calçado. Uma vez, numa aula de figurinos na minha licenciatura, o professor (Luís Santos) disse que o calçado define muito a maneira de ser de cada pessoa, comecei a pensar nessa questão e a reparar nisso no meu dia a dia e essa afirmação começou a fazer sentido. Quero com isto dizer que quando nos foi proposto realizar a escolha dos figurinos para cada personagem acordámos logo que a Simone teria que usar ténis ou algum sapato de estilo mais casual e a Sylvie usar um sapato chique e de preferência com salto.

Esta cena termina com um discurso sobre orçamentos, onde as personagens se queixam de os mesmos serem curtos e pagos à percentagem³². O que infelizmente, ainda nos dias de hoje acontece nesta área, por isso é tantas vezes visto como um trabalho precário.

Nas cenas 2, 3 e 4 é onde se fica a conhecer a forma como cada personagem representa e acontece o chamado teatro dentro do teatro, pois Simone e Sylvie vão fazer um *casting* e ambas vão fazer a representação da mesma personagem. Simone representa de uma forma mais interiorizada, sem intensidade e completamente estática, com falhas de texto enquanto Sylvie representa de forma exteriorizada, com várias intensidades, imensa gesticulação e oscilações de voz. No fim do casting de Sylvie, ela revela a importância que tem em mostrar o seu corpo para seduzir o realizador e tentar assim ser a selecionada para o papel.

³¹ LAMBERT, 1993, p.24.

³² LAMBERT, 1993, p.28.

As cenas que se seguem, mais concretamente a partir da cena 7, são caracterizadas por haver uma quebra da quarta parede³³. Tudo aquilo que é dito em forma de desabafo é falado diretamente para o público. O encenador pediu que envolvêssemos o público na própria história, passando assim a ser testemunha de tudo aquilo que está a acontecer. O público é o “amigo” que está a ouvir e a aconselhar os desabafos da Simone e da Sylvie, de forma subentendida, pois todas as perguntas e respostas são feitas pelas personagens. Assim, quem está a assistir ao espetáculo, passa a ser uma terceira personagem. A cena 10 é a cena que tem mais contacto direto com o espetador.

Importa referir que é na cena 7 que Simone e Sylvie confessam que partilham o mesmo amante, no entanto Simone ainda não sabe disso, mas está prestes a descobrir. Para além de partilharem o sonho de quererem ser vedetas, partilham também o mesmo homem.

As cenas 12 e 13 podem ser consideradas como sendo o objetivo da peça, é aqui que as personagens recebem a notícia de que vão ser finalmente as protagonistas do filme de um realizador. A Simone irá interpretar o papel principal e a Sylvie o principal papel secundário. Ambas vão ficar em êxtase e ansiosas para que chegue o dia em que vão ser reconhecidas por esses papéis e finalmente atingirem o que tanto ambicionam, ser vedetas. Quando descobrem que vão protagonizar o mesmo filme ficam fúrias uma com a outra e é na cena 14 que acontece a maior discussão entre elas, onde descarregam toda a inveja que têm uma pela outra e são frontais em relação àquilo que pensam. No entanto e como já era de esperar, esse filme foi um fiasco, repleto de críticas negativas nos jornais da cidade e nenhuma delas atingiu a fama nem foi reconhecida pelo seu trabalho; as atrizes, como é referido no texto *continuarão a ser desconhecidas*³⁴.

A peça termina com uma crítica aos realizadores e às entidades que empregam os artistas. É como um desabafo de alguém que está cansado de ser rejeitado constantemente. Aqui, principalmente a personagem da Simone, alerta o público sobre como funciona a vida profissional de um ator, demonstrando por palavras tudo aquilo que está errado e devia ser mudado. São chamadas de atenção cujo objetivo é deixar o espetador a pensar e refletir sobre

³³ Parede imaginária que separa a cena da sala. Um palco italiano possui três "paredes": o fundo e as laterais (que podem ser coxias, pernas ou apenas uma parede mesmo). O termo "quarta parede" é utilizado para definir a parede não existente nesse tipo de palco. Ou seja, a frente dele. Não tem parede entre a frente do palco e a plateia, portanto é uma parede imaginária, definida como um limite. Esse termo é usado em espetáculos teatrais em que não há interação do elenco com o público. Como se tivesse uma quarta parede que os separasse. A quebra da quarta parede é quando essa convenção é violada, geralmente acontece por meio de uma interação direta ao público, não ignorando a presença do mesmo, por exemplo, olhar o público diretamente ou questioná-lo de algo.

³⁴ LAMBERT, 1993, p.77.

como o mundo das artes está repleto de injustiças e o quão desprezada é esta área e quem a estuda. Simone mostra a sua revolta relativamente a todos esses parâmetros e ao facto de muitas vezes o ator tornar-se a marioneta do realizador, assim como existirem *vinte e dois mil seiscientos e setenta e cinco atores e só setecentos e trinta e oito é que têm trabalho*³⁵ e andamos todos à espera daquela oportunidade, todos à espera de *poder dizer claro, com certeza, quando quiserem e como quiserem*³⁶, sendo esta a última deixa da peça.

Esta é a cena mais séria da peça e aquela em que, vestidas na pele da Simone e da Sylvie, damos voz também a nós próprias enquanto atrizes na vida real, como se houvesse um distanciamento³⁷. Termina com a música *there's no business like show business*³⁸ e uma coreografia que realizámos para a mesma. A meio da coreografia, as personagens começam a disputar quem é que consegue ser maior destaque e visibilidade junto do público e com esta imagem as luzes apagam-se.

3.3. Reflexão pessoal sobre o estágio

Sempre quis realizar um estágio académico, tendo em conta que na licenciatura não tive essa possibilidade; decidi fazer essa escolha no mestrado para a obtenção final do grau de mestre. Quando contactei a companhia do NARIZ para me candidatar ao estágio, a Vitória, que foi quem me atendeu a chamada telefónica, transmitiu logo uma resposta positiva e marcou a entrevista para me conhecer e eu conhecer a equipa. Logo nessa entrevista senti que já fazia parte da equipa. Todos os elementos são bastante simpáticos, atenciosos, carismáticos e estão sempre disponíveis para ajudar no que for preciso; são como uma família funcional e foi isso que me fez crer ainda mais estagiar com eles.

A Vitória apresentou-me todos os projetos que a companhia organizava e participava, quais as ideologias da mesma e como trabalhavam. Os pontos que mais me cativaram e interessaram foram o facto de trabalharem com todo o tipo de públicos, desde crianças a idosos, serem bastante versáteis, persistentes e levarem os seus projetos aos mais variados sítios do

³⁵ LAMBERT, 1993, p.80.

³⁶ LAMBERT, 1993, p.83.

³⁷ Distanciamento é o termo usado para designar o conceito central da teoria do Teatro Épico, de Bertolt Brecht, é o ato de desnaturalizar a ação dramática. Acontece quando o ator abandona a personagem e quebra a quarta parede para colocar um ponto de vista crítico sobre o que está a acontecer em cena.

³⁸ É uma canção de Irving Berlin, escrita para o musical *Annie Get Your Gun* de 1946 e orquestrada por Ted Royal.

país, o ponto mais importante, pois ia completamente de encontro ao meu tema fulcral, a descentralização.

Fui questionada em relação ao meu objetivo em estagiar naquela companhia e eu referi que gostava de integrar a equipa de atores e também ajudar na parte da produção, para puder perceber um pouco de como funciona o *backstage*³⁹ da organização de uma companhia de teatro.

O trabalho que mais gostei de fazer foi o trabalho enquanto atriz. Sabia que as técnicas de trabalho e a visão de encenação que o Pedro (encenador) tem e utiliza não são as mais compatíveis com as minhas e por isso foi um desafio para mim. Uma das vertentes que mais me cativa é a expressão corporal. Através do corpo conseguimos expressar todos os sentimentos que carregamos connosco. O nosso corpo demonstra aquilo que somos e aquilo que sentimos. Como se costuma dizer, é mais fácil mentir com as palavras do que com o corpo. O Pedro situa-se sobretudo no domínio da palavra e isso ao início fez-me pensar que este estágio ia ser um grande desafio e sair da zona de conforto, o que não foi de todo algo negativo e por isso quis abraçar esta oportunidade.

Esta afronta que sempre senti em relação às palavras vem desde pequena. Sempre fui muito reservada e complicada para falar em relação a emoções e sempre tive dificuldade em conseguir usar as palavras certas de forma simples e nítida para explicar algo. No entanto, sempre fui muito ligada ao desporto e à dança, o que me ajudava a descarregar tudo o que não dizia com o corpo, daí um à vontade com esta dimensão da minha individualidade. No teatro comecei a aprender a gostar da palavra e da importância da mesma, a chave principal da comunicação é a palavra e o teatro faz-se, essencialmente, da palavra; seja escrita ou dita. No início tinha muita dificuldade em tornar verdadeiro o texto que representava, tinha sempre a tendência de “cantar” as palavras, o que não é de todo algo positivo. Com todo o trabalho, conhecimentos e persistência que aprendi ao longo dos estudos e da vida académica, consegui finalmente evoluir neste sentido e a realização deste estágio ajudou-me imenso. Fez-me sentir completamente realizada e à vontade em relação a este aspeto, que era também um dos meus objetivos. Superei todas as minhas expectativas relativas ao meu trabalho pessoal neste estágio enquanto atriz.

³⁹ A parte de trás de um teatro, bastidores. Neste caso, uso a expressão para denominar o que está por trás de a organização de um evento, obtenção de apoios, entre outros.

Aquilo que eu e o Pedro temos em comum é o minimalismo; também me considero minimalista em termos de cenários, figurinos, acessórios e no uso de luzes. No entanto, acho que tudo depende do tipo de peça que se está a montar. Existem peças que necessitam mesmo de um cenário, na minha opinião, como por exemplo, na minha perspectiva, *As Vedetas* necessitavam. Ainda sugeri várias vezes colocarmos algum tipo de cenário, básico, em cena para complementar a ação das personagens. O Pedro para além de não concordar, tinha receio que a presença de objetos em cena se tornasse como uma muleta para o nosso trabalho enquanto atrizes e ele não queria de todo que isso acontecesse. Posto isto, a decisão final concordada entre todos foi não ter cenário. O que acabou por fazer sentido para mim e não senti a cena vazia em momento algum.

Na vertente da produção acabei por não fazer tanto trabalho quanto gostaria, pois os ensaios para a peça preenchiam praticamente todas as horas de estágio que tinha por dia. Ainda assim, as poucas pesquisas que realizei foram suficientes para perceber a logística que é preciso para pedir apoios ou candidatar-se aos mesmos. O que mais gostei de fazer nesta parte foi a tabela para o Evento dos Contadores de Histórias e acompanhar a contadora Cristina Taquelim até à escola onde a mesma fez a sua apresentação⁴⁰. A realização desta tabela sofreu várias alterações, pois tem que se jogar com os horários das escolas, dos contadores e ainda com a deslocação dos mesmos a cada escola. A tabela que eu e a minha colega estagiária realizámos para este evento não foi a tabela que ficou como produto final. Teve de se fazer algumas alterações devido a compatibilidade de horários e depois acabámos por já não ter tempo de a refazer, devido aos ensaios. A Vitória é que terminou a tabela com os horários, as deslocações e as escolas certas.

No geral posso afirmar e concluir que foi um estágio produtivo, onde tive a total liberdade para explorar as técnicas de trabalho que mais me inspiram e fiz uma procura da personagem de forma independente. Claro que o encenador foi dando as suas orientações e dicas, mas não tem nada a ver com o trabalho que se faz numa escola, onde geralmente não se tem tanta liberdade para explorar a personagem a solo. Assim consegui perceber e trabalhar várias técnicas de trabalho de ator e explorá-las até ter a personagem, até esta estar totalmente criada, obedecendo também às diretrizes do Pedro. Houve muita mudança desde o início até ao dia de estreia, até estar tudo em conformidade entre nós, atrizes e o encenador.

⁴⁰ Anexo 6.

Olhando agora para trás e refletindo sobre o trabalho feito, mudaria algumas coisas e claro, melhorava também várias coisas na minha representação. No entanto sei que dei o meu melhor e o meu máximo no estágio e no dia de estreia e finalizei o mesmo de coração cheio, mais confiante e segura de mim mesma e do meu trabalho enquanto atriz. O facto de termos recebido muitos elogios, críticas positivas, reconhecimento e apoio de todos os nossos familiares e colegas, foi uma mais valia para nós. Terminei o meu estágio com o sentimento de missão cumprida.

O objetivo final, comum entre todos, era pedir os direitos de autor à SPA⁴¹ e apresentar a peça posteriormente, no espaço do NARIZ Teatro, no Teatro Miguel Franco, no Festival Acaso de 2023 e quem sabe, noutros locais e eventos. Mas infelizmente, a informação que a Vitória obteve foi que os direitos da peça foram bloqueados pelos herdeiros e por isso não será possível realizar nenhuma apresentação aberta ao público até que esta questão seja resolvida. Recebemos esta notícia com tristeza, pois tanto eu como a minha colega gostávamos muito que fosse possível apresentar o nosso trabalho a muitos mais públicos e em várias localidades do país, mas como se sabe, há coisas que não dependem só de nós e este caso foi um deles. Agora, resta-nos pensar positivo e acreditar que os herdeiros vão desbloquear os direitos e permitir que esta peça tão icónica e que nos deu tanta satisfação fazer, possa voltar a subir a muitos palcos.

⁴¹ Sociedade Portuguesa de Autores.

Conclusão

Ao realizar várias pesquisas relativas aos apoios que a DGArtes atribuiu quando abre concursos, concluí que esses apoios ainda continuam a ir sobretudo para as companhias de Grande Lisboa e Porto⁴². Mesmo depois de anos e anos a tentar descentralizar a cultura e de existirem tantas companhias e projetos diferentes nos mais variados locais, aqueles que recebem os apoios com facilidade são quase sempre os mesmos. Creio que esta hipertrofia dificilmente vai ser resolvida, mesmo que se apresentem projetos inovadores e originais, mesmo que se tenham públicos presentes e consistentes, as companhias e projetos que existem na capital irão sempre prevalecer. Nos anexos apenas constam as estatísticas de 2012, no entanto realizei consultas em vários anos e os resultados eram sempre os mesmos, ou seja, ao nível regional, a Área Metropolitana de Lisboa reúne sempre o maior montante global atribuído pela DGArtes.

Existe uma lista extensa de teatros, auditórios, centros e casas da Cultura, cine teatros em Portugal (Fora da grande Lisboa e da cidade do Porto), assim como de companhias profissionais bastante versáteis⁴³, que todos os anos apresentam vários espetáculos e projetos nas suas cidades, muitos deles gratuitos e abertos a todos os tipos de público e a todas as idades. Portanto, cultura não falta no nosso país, falta sim é mais apoios para os teatros e companhias do centro, norte, Algarve e Alentejo, mais valorização, mais sustento para que seja possível realizar contratos aos artistas e para que os mesmos possam receber um ordenado digno, tal como todas as outras profissões. Os artistas também estudam, pagam propinas, despesas, impostos, tal como todos os outros. Não faz sentido em pleno século XXI continuarem a classificar a arte como um passatempo ou um trabalho precário, de forma a que os artistas tenham de ter mais que um trabalho para conseguir sustentar a suas despesas. Todos nós precisamos e utilizamos a arte. Por exemplo, em tempos de pandemia o que prevaleceu em força sem nunca parar foi a arte. Foi a arte que nos deu esperança e aconchegou o coração, foi a arte que nos salvou, que nos fez sentir vivos nos dias de tédio entre quatro paredes. A música que nos reconforta, a comédia que nos anima, os filmes que nos levam para o mundo imaginário, os livros que nos apoiam e ensinam, a pintura e fotografia que nos fazem viajar sem sair do sítio. Pensar num mundo sem arte é como pensar num mundo sem sentido, sem vida. Tudo com uma grande importância na vida da sociedade, mas completamente desprezado por

⁴² Anexo 14.

⁴³ Anexo 12 e 13.

todos e principalmente pelo governo. Como se costuma dizer, a arte sempre se importou mais com a política do que a política com a arte.

Por outro lado, temos a dificuldade na parte dos pedidos de direitos de autor, que vivenciei em primeira mão no meu estágio. Existem muitas peças que têm os direitos de autor bloqueados, por vários motivos e outras exigem um pagamento absurdo para obter esses direitos. Este ponto é outro que fica muitas vezes esquecido na atribuição dos apoios, pois um grande problema é apenas se pensar no produto final e não em todos os custos que uma companhia ou projeto têm, sem contar com os ensaios e preparações, até chegar ao produto final. Desde figurinos, direitos de autor, pedidos de classificação etária, deslocamentos se necessário, compras de material, entre outros. Todos estes parâmetros deviam ser tidos em conta quando se cria um orçamento.

Gostava de um dia ainda assistir à emancipação do teatro e da arte no geral. Poder ver que todas as lutas e manifestações foram ouvidas. Poder ver que finalmente os artistas recebem um salário com um ordenado base. A luta irá persistir.

Em modo de conclusão deste ponto da descentralização, é de notar e importante referir que existe mais população e conseqüentemente mais companhias nas cidades metropolitanas, logo, é normal que estatisticamente se indique mais apoios nessas áreas. Hoje em dia, a DGArtes tem vindo realmente a tentar equilibrar os subsídios atribuídos, tem em atenção as companhias descentralizadas e valoriza as mesmas, fazendo com que consigam obter os subsídios mais facilmente por estarem fora das grandes cidades. Inclusive, algumas companhias da capital andam de malas às costas e situam-se noutras cidades para que não percam os apoios e consigam manter as estruturas. Relativamente ao quadriénio 2024-2027:

(...) Serão apoiadas as entidades gestoras de teatros e cineteatros de Águeda, Albergaria-a-Velha, Carregal do Sal, Fundão, Gouveia, Lagoa, Lagos, Lamego, Leiria, Macedo de Cavaleiros, Marinha Grande, Matosinhos, Montemor-o-Novo, Pombal, S. João da Madeira, Santa Comba Dão, Santarém e Sardoal. Mais 18 teatros e cineteatros vão receber apoio à programação da DGArtes (...) A este apoio só puderam candidatar-se instituições situadas fora de Lisboa e do Porto e que não tivessem sido já abrangidas pelo programa relativo ao ciclo 2022-2025.⁴⁴ (...) Com a abertura deste concurso, o investimento global de apoio à

⁴⁴ Retirado de <https://www.publico.pt/2024/01/27/culturaipilon/noticia/18-teatros-cineteatros-vao-receber-apoio-programacao-dgartes-2078345>.

*programação da RTCP ascendeu a 29 milhões de euros, o que, segundo a DGArtes em agosto, contribui “de forma assinalável para a descentralização cultural e coesão territorial, incentivando um mais amplo acesso às artes”. A RTCP foi criada para combater as assimetrias regionais e para fomentar a “coesão territorial no acesso à cultura e às artes em Portugal”.*⁴⁵

Ou seja, posso concluir que no ano corrente já se começa a notar uma maior valorização e abrangência de teatros fora das grandes cidades e a teatros que não recebem apoios com regularidade. No entanto, espero que esta atribuição e inovação da DGArtes se mantenha para além do ano 2025, para que as discrepâncias possam ser realmente amenizadas e todos os teatros e companhias passem a ter a mesma atenção e apoio.

Este relatório permitiu-me aprofundar o trabalho realizado pela companhia do Nariz teatro e posso concluir que a mesma é uma companhia bastante versátil, inclusiva, persistente e organiza projetos e eventos com um formato muito original, acolhedor e cativante. Por muitas vezes, a companhia vê as candidaturas que realiza para os apoios a serem negadas, no entanto não é isso que os faz desistir e arranjam sempre forma de conseguir adquirir ajudas monetárias, seja através de fundos de maneiio, de apoios fornecidos pela câmara de Leiria, ou de concursos que são realizados de forma independente por outras câmaras e/ou projetos. Como se pode notar, os anos de atividade são longos, quase 30 anos de existência do Nariz teatro e em momento algum houve interrupção de atividades ou falta de repertório.

Ter trabalhado com o Pedro Oliveira como encenador foi aquilo que mais gostei de realizar no meu estágio. Ouvir e pensar sobre os pontos de vista dele fez-me ter conhecimento de outra forma de representação, para o mesmo, a representação *é uma projeção em que se tenta, através de nós, pôr outros a falar. Divertir o público é para o La Féria. O nosso papel é outro: é agarrar em textos que nós achamos literários e superiormente bem escritos e não trabalhar as coisas pelo lado fácil. Se não é satisfatório do ponto de vista artístico para nós, é evidente que depois não passa para o público. Há um caminho muito engraçado, que é, a maior parte das vezes, por onde nós gostamos de seguir. Esse balanço, que não se sabe explicar muito bem, esse arame por onde se anda, entre o riso e o choro, é o equilíbrio que às vezes os nossos trabalhos têm. Um ator tem de ser teimoso ou não vai a lado nenhum*⁴⁶. Sobre esta última

⁴⁵ Retirado de <https://rr.sapo.pt/noticia/pais/2023/12/28/dgartes-atribui-8-milhoes-de-apoios-a-18-teatros-e-cinemas-fora-de-lisboa-e-porto/360638/>.

⁴⁶ Retirado da entrevista <https://preguicamagazine.wordpress.com/2013/09/19/eu-pedro-em-2-minutos-e-48-segundos/>.

afirmação, da teimosia, o Pedro mencionou várias vezes ao longo dos ensaios que tínhamos de saber muito bem o que queríamos transmitir com a nossa personagem, ser teimosas e persistentes para não deixar a personagem morrer nem ficar demasiado caricaturada e falsa. O humor que ele pretendia passar com a peça que apresentámos, era um humor de carácter irónico e simbólico, no sentido em que estava diretamente associado a alguma referência.

Para mim, a maneira de trabalhar do Pedro é bastante eficaz. Tem as ideias bem definidas e traçadas. Admite que não aprecia a forma como se ensina representação nalgumas escolas; para ele, a verdadeira forma de aprender a representar é em palco, enquanto profissional. É a pegar numa peça, trabalhá-la, explorá-la e refletir sobre todas as suas possibilidades, que se aprende a arte da representação. Para ele o mais importante não é o trabalho de mesa, não o descarta claro, mas gosta de trabalhar essencialmente em palco, com improvisações e jogos de cena. Estes métodos de trabalho do Pedro ajudaram-me a ganhar muito mais confiança e segurança nas minhas ações enquanto atriz. Sempre nos deu a liberdade de fazer a busca da personagem por nós próprias, dando apenas algumas indicações que achasse que podiam melhorar o trabalho e a representação.

Terminei este estágio ainda com mais vontade de lutar pelo teatro em Portugal. Olho para o Nariz como um exemplo de força, persistência e determinação. Uma companhia completamente inclusiva, inovadora, com ideias diferentes do habitual e que cada peça e evento que apresenta é feito com toda a alma e coração. Espero que assim continuem e que nunca desistam, mesmo com todas as adversidades.

Com este relatório, consegui mostrar o trabalho que a companhia do Nariz Teatro tem desenvolvido ao longo de quase 30 anos de vida. Uma companhia com muita importância, quer a nível local quer a nível nacional. É essencial que este trabalho prossiga por mais longos anos, porque tem muita influência para cultura e para a sociedade.

Bibliografia

Amaro, C. (2006). *Censura, no tempo do lápis azul* (pp. 85-90). LIDEL.

Barata, J. O. (1991). *História do teatro português*. Universidade Aberta.

Constituição Política da Monarchia Portugueza. (1822). Título VI, Cap. II, artigos 218º e 219º (p. 87). Lisboa: Imprensa Nacional.

Constituição da República. (2005). VII Revisão, Preâmbulo (p. 17) e Título III, Cap. III, artigo 73º (p. 55).

Gomes, R. T., & Martinho, T. D. (2009). *Trabalho e qualificação nas atividades culturais: Um panorama em vários domínios*. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais.

Lambert, L. (1993). *As vedetas* (G. M. de Oliveira, Trad.). Lisboa: Edição Cotovia.

Matoso, R. (2018, agosto). A pobreza da cultura na época da sua descentralização. *Artigo para ESTC*.

Silva, A. S. (2007). Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 54, 11-33.

Sousa, B. L. M. (2020, outubro). *Descentralização cultural, uma leitura através do teatro – Caso de estudo prático do Centro Dramático de Évora* (Relatório de estágio de Mestrado em Teatro - Especialização em Produção). Escola Superior de Teatro e Cinema, Amadora.

Stanislavski, K. (2016). *Preparação do ator* (M. de la Rivière, M. Lemos, M. Silva, N. Paiva, & N. Fonseca, Eds.; Â. Correia, Coord.). Lisboa: Bibliotrónica Portuguesa.

Vasques, E. (1998/1999). *O teatro português e o 25 de Abril: Uma história ainda por contar*. Lisboa.

Webgrafia

A Muse Arte, 25 de Abril e a Arte Saiu à Rua, de Maria Isabel Roque, abril de 2020 (<https://amusearte.hypotheses.org/6492>);

Apoios concedidos pela Direção Geral das Artes, relatório 2012 (https://www.dgartes.gov.pt/sites/default/files/files/relatorio_apoios_2012.pdf);

Artigo de RTPEnsina, *Adeus ao lápis azul*, de Diana Andringa, 1999 (<https://ensina.rtp.pt/artigo/adeus-ao-lapis-azul/>);

Artigo de RTP, *Dramaturgo Norberto Ávila defende "normal inclusão de autores nacionais nos repertórios" em mensagem do Dia Mundial*, por 2008 LUSA - Agência de Notícias de Portugal, S.A. (https://www.rtp.pt/noticias/cultura/dramaturgo-norberto-avila-defende-normal-inclusao-de-autores-nacionais-nos-repertorios-em-mensagem-do-dia-mundial_n165056);

Artigo de RTP, *Encontro Internacional de Contadores leva narradores de cinco países a Leiria e Santarém*, fevereiro 2023 (https://www.rtp.pt/noticias/cultura/encontro-internacional-de-contadores-leva-narradores-de-cinco-paises-a-leiria-e-santarem_n1464399);

Artigo sobre *A Cultura ao Serviço da Revolução* (<https://www.50anos25abril.pt/iniciativas/a-cultura-ao-servico-da-revolucao>);

Clube MIS, *Conheça Jiří Kylián, um dos mais extraordinários coreógrafos contemporâneos*, outubro 2022 (<https://www.clubemis.com.br/conheca-jiri-kylian-um-dos-mais-extraordinarios-coreografos-contemporaneos/>);

Companhias profissionais de Teatro em Portugal (https://www.uc.pt/org/centrodramaturgia/10/diretorio_companhias/teatro_profissional);

Comunicar, Boletim da Assembleia da República, A Criação de Municípios, “Haverá câmaras onde convier o bem o público”, Julho 2021 (<https://app.parlamento.pt/comunicar/V1/202107/75/artigos/art3.html>);

Comunidade Cultura e Arte, *O “método Stanislavski” na representação* por Lucas Brandão, julho de 2020 (<https://comunidadeculturaearte.com/o-sistema-stanislavski-do-teatro-e-do-cinema/>);

Documento da UNICEF sobre Declaração Universal dos Direitos Humanos (<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>);

Estudo sobre os apoios financeiros diretos concedidos pela Direção Geral das Artes às atividades artísticas (apoios bienais 2011 e quadrienais 2009), Relatório final Helena Santos e Ricardo Moreira (https://www.dgartes.gov.pt/sites/default/files/files/estudo_apoiosfinanceiros2011-2009.pdf);

História e Memória, sobre Norberto Ávila, maio de 2022 (<https://philangra.blogspot.com/2020/03/norberto-avila-o-dramaturgo.html>);

Informação sobre a UNESCO (<http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20747-unesco>);

Jornal Expresso, *Em Leiria festejam-se os Reis contando histórias*, dezembro de 2022 (<https://expresso.pt/revista/culturas/teatro/2022-12-27-Em-Leiria-festejam-se-os-Reis-contando-historias-13672cbd>);

Jornal Público, *Morreu Mário Barradas, um dos pioneiros da descentralização cultural portuguesa*, Vanessa Rato, novembro de 2009 (<https://www.publico.pt/2009/11/20/jornal/morreu-mario-barradas-um-dos-pioneiros-da-descentralizacao-cultural-portuguesa-18254861>);

Jornal Público- Ípsilon, *Mais 18 teatros e cineteatros vão receber apoio à programação da DGArtes*, janeiro de 2024 (<https://www.publico.pt/2024/01/27/culturaipsilon/noticia/18-teatros-cineteatros-vaao-receber-apoio-programacao-dgartes-2078345>);

Jornal Região de Leiria, *Festival Acaso reinventa-se em Leiria com 20 espetáculos num mês*, setembro de 2023 (<https://www.regiaodeleiria.pt/2023/09/festival-acaso-reinventa-se-em-leiria-com-20-espetaculos-num-mes/>);

Município de Leiria, *UNESCO designa Leiria como Cidade Criativa da área da Música*, 2019 (<https://www.cm-leiria.pt/municipio/gabinete-de-comunicacao/noticias/noticia-3/unesco-designa-leiria-como-cidade-criativa-da-area-da-musica>);

Município de Leiria, artigo sobre o Festival ACASO 2023 (<https://www.cm-leiria.pt/municipio/gabinete-de-comunicacao/noticias/arquivo-de-noticias/noticia/23-festival-de-teatro-acaso-traz-a-leiria-a-arte-de-talma-e-muito-mais>);

Pesquisa sobre os apoios que a DGArtes, apenas do Projeto Simplificado- criação, 2023 (<https://www.dgartes.gov.pt/pt/apoio/5958>);

Preguiça Magazine- Entrevista a Pedro Oliveira- *Eu, Pedro, em 168 segundos*, setembro de 2013 (<https://preguicamagazine.wordpress.com/2013/09/19/eu-pedro-em-2-minutos-e-48-segundos/>);

Rádio Renascença, *DGArtes atribui 8 milhões de apoios a 18 teatros e cinemas fora de Lisboa e Porto*, dezembro de 2023 (<https://rr.sapo.pt/noticia/pais/2023/12/28/dgartes-atribui-8-milhoes-de-apoios-a-18-teatros-e-cinemas-fora-de-lisboa-e-porto/360638/>);

Registo, *Mário Barradas pioneiro da descentralização cultural*, Por Luís Godinho em novembro de 2011 (<https://www.registo.com.pt/cultura/mario-barradas-pioneiro-da-descentralizacao-cultural/>);

Site oficial do Nariz Teatro (<https://www.onarizteatro.pt/>);

Site onde consta informação sobre a DGArtes
(<https://culturaportugal.gov.pt/pt/conhecer/local/dgartes/direcao-geral-das-artes/>);

Site do Centro Dramático de Évora (<https://cendrev.pt/centro-dramatico-de-evora/>);

Visite Leiria, *ROSTOS DE LEIRIA – PEDRO OLIVEIRA*, maio de 2023
(<https://www.visiteleiria.pt/miniblog/rostos-de-leiria-pedro-oliveira/>).

ANEXOS

Anexo 1

Diário de bordo- Estágio no Espaço O Nariz

NOVEMBRO DE 2022

Dia 2

Reunião de estágio no Espaço O Nariz Teatro. A Vitória Condeço (produtora) e o Pedro Oliveira (encenador) reuniram-se comigo para falarmos sobre a calendarização da companhia, o que eu iria fazer enquanto estagiária, quais as minhas ideias e propostas para a criação de uma peça encenada pelo Pedro e qual o período de estágio. Trocámos algumas ideias relativamente a obras de teatro e algumas opiniões relativamente a criações originais que se poderiam vir a fazer. Neste mesmo estágio, está uma colega da minha turma a estagiar também e ficámos ambas encarregues de realizar várias pesquisas e trocar ideias de obras teatrais que gostássemos e achássemos possíveis de fazer na companhia. Recebemos ainda alguns livros editados pela própria companhia.

Dia 8

Primeiro dia de estágio. Conversámos (eu e a minha colega) com o encenador, Pedro, sobre as pesquisas que tínhamos realizado e as obras que lemos. O Pedro, em concordância connosco, decidiu então começar a trabalhar a peça *As Vedetas*, de Lucien Lambert. Realizámos uma leitura completa da peça, falámos um pouco sobre a dramaturgia da mesma, seguidamente fizemos alguns exercícios de improvisação no palco e escolhemos as personagens para cada uma de nós. Na parte da tarde, fomos com o Pedro assistir às suas visitas guiadas encenadas, que o mesmo realiza no Mosteiro da Batalha juntamente com outros atores.

Dia 10

Comecei a decorar texto e a estudar a psicologia da minha personagem (Sylvie).

Dia 11

Continuação do trabalho do dia anterior.

Dia 14

Prosseguimos com a leitura da peça e o estudo da sua dramaturgia. Fizemos novamente alguns exercícios de improvisação e começámos a montar a primeira cena. Na parte da tarde fomos visitar o Museu de Leiria com o encenador e continuámos com os ensaios da primeira da cena da peça.

Dia 15

Decorei texto, da cena 1 à 4.

Dia 16

Leitura da peça, da cena 1 à 4. Começámos na montagem dessas respetivas cenas. A pedido da Vitória, realizámos uma ficha de inscrição para oficinas de teatro para adultos na companhia. Fizemos o levantamento dos livros pertencentes à biblioteca da companhia e organizamos os mesmos pelas respetivas editoras.

Dia 19

Fui assistir à peça *A Noite*, no Espaço d'O Nariz, com a finalidade de ficar a conhecer o trabalho das minhas colegas e refletir sobre o mesmo. Esta peça é encenada pela Francisca Passos Vella, atriz da companhia. É uma peça feita a partir do texto *Antes que a Noite Venha*, de Eduarda Dionísio.

Dia 21

Ensaaios da peça, cena 1 à 4.

Dia 22

Decorei texto, da cena 5.

Dia 23

Ensaio da peça, cena 3,4 e 5.

Dia 28

Ensaaios da peça, cena 4 e montagem da cena 5.

Dia 29

Decoramos texto em conjunto das cenas 5, 6 e 7 e fizemos novamente leitura das cenas anteriores. Estivemos a realizar uma pesquisa sobre os apoios que a DGArtes abriu para vários projetos (a apresentação das candidaturas terminou no dia 2 de fevereiro de 2023), com a finalidade de percebermos como funcionam as candidaturas nesta plataforma e quais são os requerimentos que os mesmos pedem, com enfoque na vertente da criação.

DEZEMBRO DE 2022

Dia 6

Decorei texto da cena 5 e 7.

Dia 7

Decorei texto da cena 6, 7 e 8 e prossegui com o estudo da psicologia da minha personagem.

Dia 12

Ensaaios da cena 5, e montagem da cena 6 e 7.

Dia 13

Decorámos texto em conjunto, ensaiámos a cena 5 e continuámos com a pesquisa dos apoios da DGArtes.

Dia 15

Decorei texto da cena 7.

Dia 19

Ensaaios da cena 6 e 7.

Dia 22

Decorei texto da cena 8 e 9.

Dia 27

Decorei texto da cena 9 e 10.

JANEIRO DE 2023

Dia 4

Ensaio das cenas 1 à 7, fizemos uma passagem corrida e início da montagem da cena 8 e 9.

Dia 9

Ensaio da cena 8 e 9.

Dia 10

Ensaio da cena 9 e início da montagem da cena 10.

Dia 16

Fizemos uma leitura em conjunto da cena 9 e 10, para rever o texto e depois ensaiámos a cena.

Dia 17

Tivemos ambas a decorar texto e a trabalhar nas últimas cenas que montámos (cenas 9 e 10). Depois estivemos a realizar a tabela em excel, juntamente com um colega que trabalha na companhia e com a Vitória, onde constam todas as informações (horários, escolas, locais, contadores, etc.) para o evento dos Contadores de Histórias, que decorre de 6 a 11 de Fevereiro de 2023.

Dia 20

Decorei texto da cena 9 à 17.

Dia 23

Fizemos uma passagem pelo texto, para ver o que já tínhamos bem decorado e o que era preciso trabalhar mais. Fizemos várias leituras para ajudar a decorar. Depois fizemos o ensaio da peça, da cena 1 à 9.

Dia 24

Decorei texto, da cena 9 à 17.

Dia 25

Decorei texto, da cena 9 à 17.

Dia 30

Ensaaios da peça, da cena 1 à 10.

Dia 31

Ensaaios da peça, cena 9 e 10.

FEVEREIRO DE 2023

Dia 2

Decorei texto, cena 16 e 17.

Dia 5

Decorar texto da cena 16 e 17. A Vitória pediu para fazer uma pesquisa relacionada com os concelhos pertencentes ao distrito de Leiria, mas apenas aos que ficassem ao norte da mesma (Pombal, Ourém, Ansião, Alvaiázare, Figueiró dos Vinhos, Pedrógrão Grande e Castanheira de Pêra), sobre os contactos de cada câmara municipal, os contactos dos agrupamentos de escolas, dos vereadores da cultura e da educação e para pesquisar também que apoios existem para a cultura em cada câmara. Juntamente com a minha colega de estágio, realizámos essa pesquisa e inserimos toda a informação numa folha de word.

Dia 6

Começou o evento dos contadores de histórias e fomos assistir a uma apresentação, com a contadora Cristina Taquelim, na EB1 Arrabal de Leiria, pelas 11h, com o 1º e 4º ano.

Seguidamente, continuámos com os ensaios da peça, da cena 10 à 17.

Dia 7

Decorei texto, cena 16 e 17.

Dia 9

Decorei texto, cena 16 e 17.

Dia 13

Ensaio das cenas 1 à 10.

Dia 14

Ensaio das cenas 10, 11 e 12.

Dia 20

Ensaio das cenas 12 à 17.

Dia 27

Revisão do texto das cenas 12 à 17. Ensaio dessas respetivas cenas.

Criação da coreografia para a música “There’s no business like show business” para o final da peça.

MARÇO DE 2023**Dia 7**

Continuação da criação da coreografia para o final da peça.

Ensaio da cena 8 à 13.

Dia 8

Primeira experimentação dos figurinos para as personagens.

Decorei texto da cena 12 à 17.

Dia 9

Decorei texto da cena 12 à 17.

Dia 10

Decorei texto da cena 12 à 17.

Dia 13

Ensaio corrido. Primeira sessão de fotografias do espetáculo, com a fotógrafa Carla de Sousa.

Dia 15

Revisão do texto na íntegra.

Dia 22

Ensaio corrido. Segunda sessão de fotografias.

ABRIL DE 2023

Dia 4

Ensaio das cenas 1 à 12.

Segunda experimentação de figurinos para as personagens.

Dia 5

Ensaio das cenas 12 à 17.

Dia 10

Escolha definitiva dos figurinos das personagens.

Afinação final de luzes.

Ensaio corrido.

Dia 11

Ensaio corrido com figurinos definitivos.

Dia 17

Terceira sessão de fotografias já com os figurinos definitivos.

Ensaio corrido.

Dia 18

Ensaio corrido.

Dia 24

Ensaio geral.

Dia 26

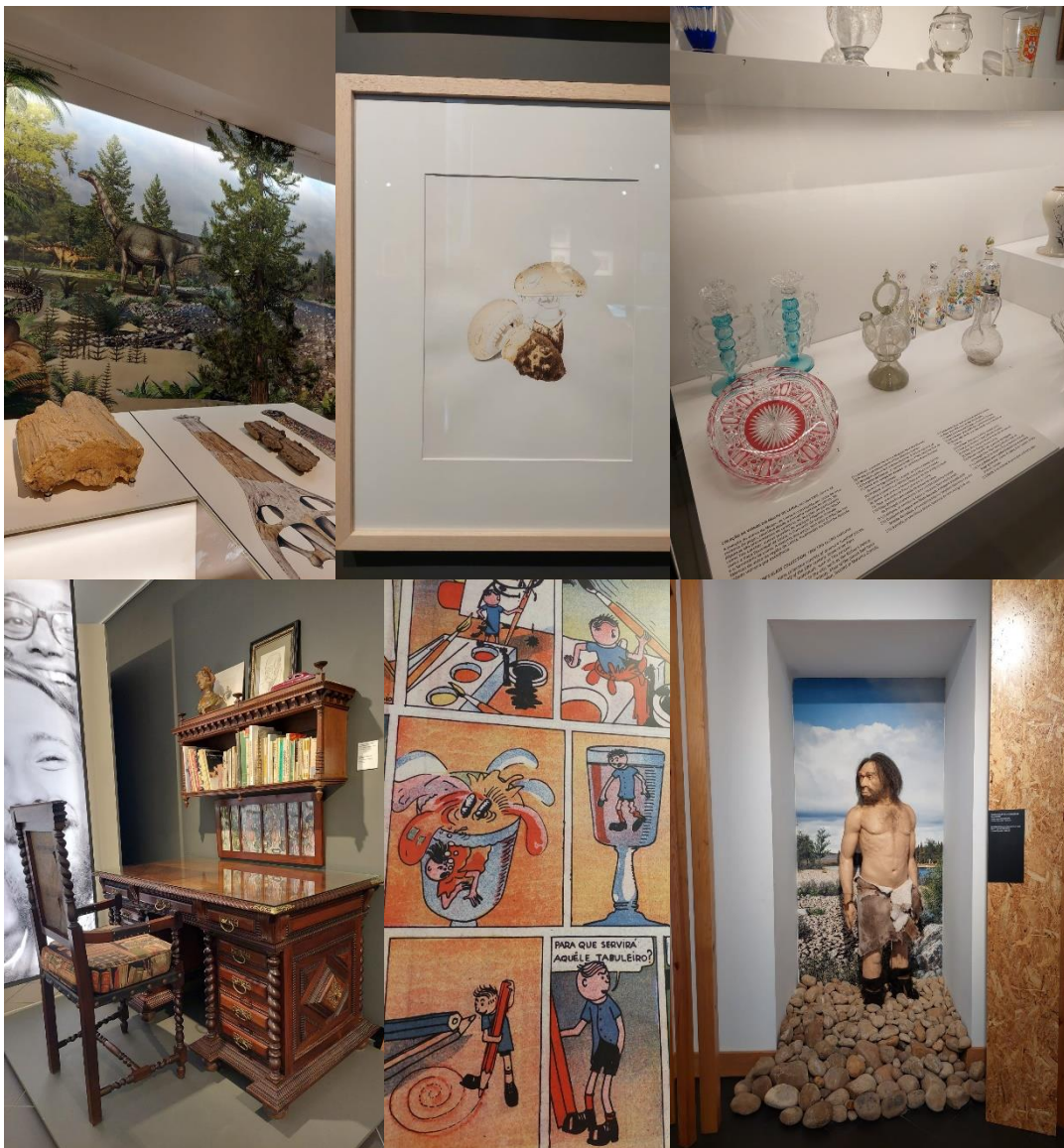
Ensaio geral.

Dia 28

Apresentação da peça à porta fechada.

Anexo 2

Imagens do Museu de Leiria- *O Museu de Leiria é uma janela aberta sobre a memória de um território longamente habitado que, à entrada do século XXI, se revela com um novo olhar sobre uma realidade complexa. (...) O Museu de Leiria organiza-se em dois espaços expositivos. No primeiro apresenta-se uma exposição de longa duração que faz uma leitura geral da história do território, propondo um caminho, necessariamente sumário, por entre a rica e densa floresta de objetos, acontecimentos e mitos, que definem uma identidade central do País.No segundo espaço, que lhe é complementar, são apresentadas exposições temporárias que permitem aprofundar temáticas e coleções específicas. (<https://www.cm-leiria.pt/pages/849>)*



Anexo 3

Ficha de Inscrição - Oficina de Teatro para Adultos

Nome Completo: _____

Data de Nascimento: __/__/__

Profissão: _____

Contacto Telefónico: _____

Morada Atual: _____

Nº Cartão de Cidadão: _____



OBSERVAÇÕES/MOTIVAÇÕES (Diga-nos o que o/a leva a querer participar nesta Oficina, se já fez teatro e quais os seus objetivos)

Em nome do Nariz Teatro, agradecemos desde já o seu interesse!

Anexo 4

*Tabela realizada com as informações do evento do Encontro dos Contadores de Histórias 2023 (esta tabela sofreu algumas alterações posteriores).

3º ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIAS						
DATA	HORÁRIO	LOCAL	ESCOLA	Nº ALUNOS ANO ESCOLAR	CONTADOR	RESPONSÁVEL
SEGUNDA 06/02/2023	10:30	BARREIRA	J.I. Telheiro	50 (3 a 5)	Cristina Taquelim	
	14:30	Gândara (LEIRIA)	Afonso Lopes Vieira	44 (8º)		
	15:30			44 (8º)		
TERÇA 07/02/2023	10:00	Marinha Grande	EB1 Fonte Santa	25 (pré)	Cristina Taquelim	Aida Mira (965317997)
	11:00			41 (1º ciclo)		
	14:35		SEC. Pinhal do Rei (biblioteca)	48 (9º)		
	15:30			60 (9º)	Rodolfo Castro	
	10:00		SEC. Pinhal do Rei (biblioteca)	55 (10º)		
	11:00			47 (10º)		
QUARTA 08/02/2023	09:45	Porto de Urso	EB1	37	Cristina Taquelim	
	11:00	Carvide/Outeiro da Fonte	EB1	56		
	14:00	MONTE REAL	EB1	40 (2º a 4º)		
	14:45			41 (2º a 4º)		
	09:30	Gândara (LEIRIA)	Afonso Lopes Vieira	46 (7º)	Carlos Marques	
	10:30			47 (7º)		
	TARDE	BATALHA	J.I. Moínho de Vento	32 (3 a 5 anos)		
	TARDE			32 (3 a 5 anos)		
	09:30	Telheiro (BARREIRA)	Centro Escolar	73 (1º e 2º)	Rodolfo Castro	
	11:00			73 (2º e 3º)		
14:00	73 (3º e 4º)					
QUINTA 09/02/2023	10:15	MARINHA	SEC. Calazans Duarte	125 (prof.)		Rodolfo Castro
	11:45	GRANDE		125 (prof.)		
SEXTA 10/02/2023	09:30	Caranguejeira	EB3	55 (9º ano)	Patrícia Amaral	Susana Cabrita Franco
	11:00	Santa Catarina da Serra	EB3	68 (9º ano)		
	10:30	Choupal (SANTARÉM)	J.I. do CHOUPAL	45 (3 a 5 anos)	Rodolfo Castro	
	11:30			40 (3 a 5 anos)		
	10:30	Amiais de Baixo (SANTARÉM)	J.I. Amiais de Baixo	45 (3 a 5 anos)	Antonella Gilardi	
	11:15		EB1 Amiais de Baixo	40 (1º e 2º)		
	13:30		40 (3º e 4º)			
	14:00	Gândara (LEIRIA)	Afonso Lopes Vieira	70 (10º prof)	Jorge Serafim	
	15:00			70 (10º prof)		
	16:00			70 (10º prof)		
21:30	LEIRIA	Espaço Nariz	Público	Rodolfo Castro		
SÁBADO 11/02/2023	21:30:00	LEIRIA	T. Miguel Franco	Público	Jorge Serafim - Rodolfo Castro Antonella Gilardi - Patrícia Amaral Carlos Marques - Celso Sanmartín	

Anexo 5

Cartaz da peça *A Noite*, a partir do texto “Antes Que A Noite Venha” de Eduarda Dionísio.

Sinopse: O mal acordado da noite, acabada e quase a começar, será tão literário e tão cru como isto: porque é que Julieta, Antígona, a Castro, Medeia, saídas quase em direto das suas tragédias mais ou menos antigas, não haveriam de passar por aqui, pelo menos com a banalidade que lhes deu a contínua passagem de boca em boca, de cabeça em cabeça, de coração em coração?

Encenação: Francisca Passos Vella

Interpretação: Ana Moderno, Francisca Passos Vella, Lisa Teles, Vânia Jordão

Música original: Diogo S. Pereira

Fotografia: Carlota Bonito

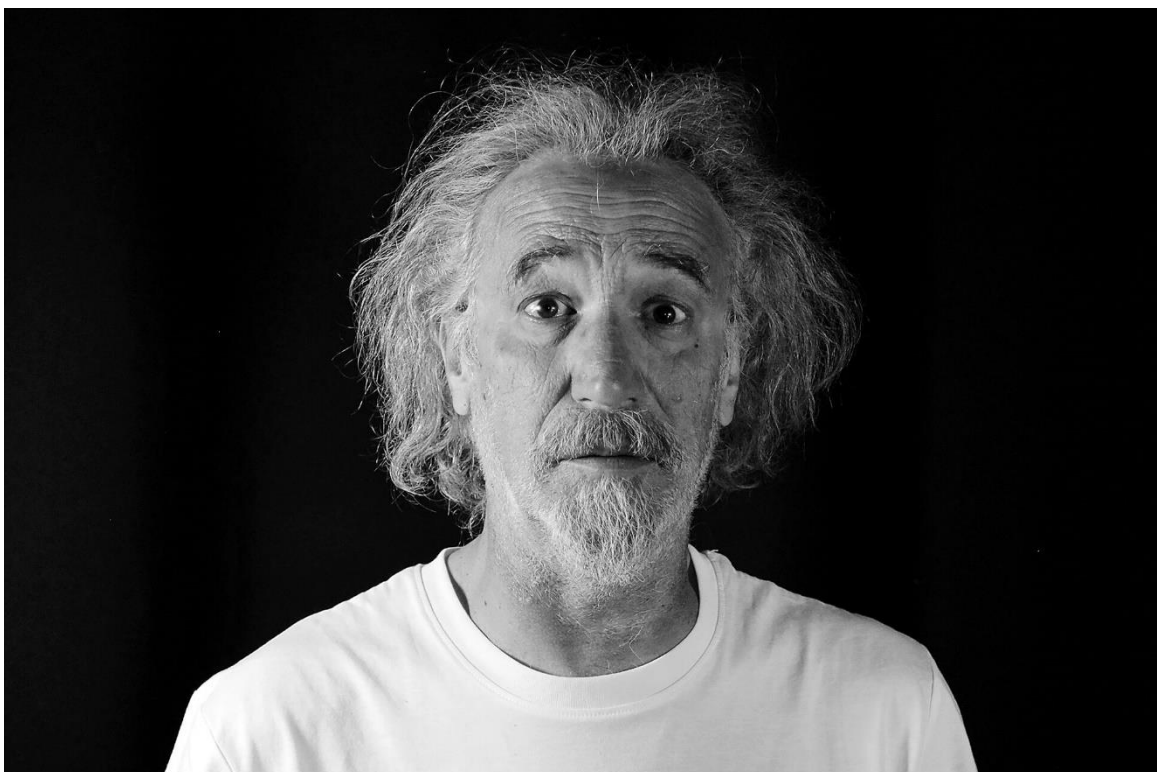


Anexo 6

Fotos do evento dos contadores de histórias- com Cristina Taquelim, alunos do 1º e 4º ano- EB1 Arrabal de Leiria.



Anexo 7- Fotografia de Pedro Oliveira

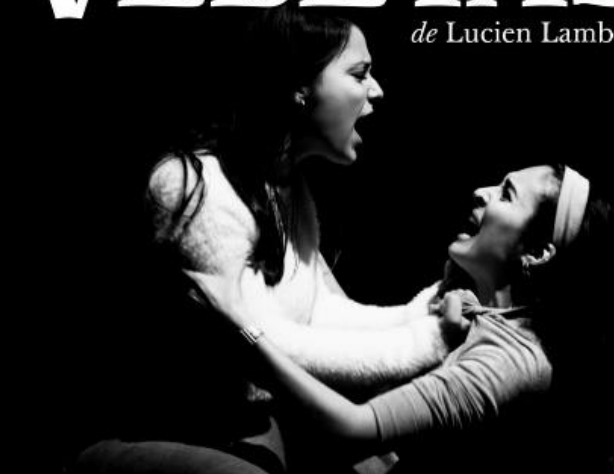


Anexo 8- Fotografias retiradas por Carla de Sousa, da peça *As Vedetas*.



AS VEDETTAS

de Lucien Lambert



Sexta dia 28 de abril 21h30

Espaço O Nariz / Recreio dos Artistas

Encenação: Pedro Oliveira

Interpretação: Daniela Gomes e Patrícia Bento

Fotografia: Carla de Sousa

Cartaz: Paulo Fuentez

*Trabalho final de estágio - Mestrado em Teatro - Especialização em Artes Performativas
Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa*





Anexo 9- Fotografias da peça *O Dom Rixote* (a ilustração é de Rui Pedro Lourenço) e d'*O Príncipezinho*.



Anexo 10- Cartaz do Festival ACASO 2023



Anexo 11- Preâmbulo da Constituição da República, ano de 2005, VII Revisão, p.17.

PREÂMBULO

A 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas, coroando a longa resistência do povo português e interpretando os seus sentimentos profundos, derrubou o regime fascista. Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo representou uma transformação revolucionária e o início de uma viragem histórica da sociedade portuguesa. A Revolução restituiu aos Portugueses os direitos e liberdades fundamentais. No exercício destes direitos e liberdades, os legítimos representantes do povo reúnem-se para elaborar uma Constituição que corresponde às aspirações do país. A Assembleia Constituinte afirma a decisão do povo português de defender a independência nacional, de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, de estabelecer os princípios basilares da democracia, de assegurar o primado do Estado de Direito democrático e de abrir caminho para uma sociedade socialista, no respeito da vontade do povo português, tendo em vista a construção de um país mais livre, mais justo e mais fraterno. A Assembleia Constituinte, reunida na sessão plenária de 2 de abril de 1976, aprova e decreta a seguinte Constituição da República Portuguesa.

Anexo 12- Alguns Teatros, Auditórios, Centros, Casas da Cultura e Cine Teatros de Portugal (Fora da grande Lisboa e da cidade do Porto)

A Moagem - Cidade do Engenho e das Artes (Fundão)

Armazém 8 Casa das Artes (Évora)

Auditório Carlos do Carmo (Lagoa)

Auditório de Espinho | Academia (Espinho)

Auditório do Centro Cultural de Arronches (Arronches)

Auditório Municipal Augusto Cabrita (Barreiro)

Auditório Municipal Beatriz Costa (Mafra)

Auditório Municipal Carlos Paredes (Vila Nova de Paiva)

Auditório Municipal de Gaia (Vila Nova de Gaia)

Auditório Municipal de Portel (Portel)

Casa da Criatividade (S. João da Madeira)

Casa da Cultura de Ílhavo (Ílhavo)

Casa da Cultura de Santa Comba Dão

Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão

Centro Cultural da Branca (Albergaria a Velha)

Casa Municipal da Cultura de Seia (Seia)

Centro Cultural de Lagos

Centro Cultural de Paredes de Coura

Centro Cultural Dr. António Menano (Fornos de Algodres)

Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha

Centro Cultural Gil Vicente (Sardoal)

Centro Cultural Olga Cadaval (Sintra)

Centro Cultural Raiano (Idanha-a-Nova)

Centro Cultural Vila Flôr (Guimarães)

Centro de Arte de Ovar

Centro de Artes de Águeda

Centro de Artes de Sines

Centro de Artes do Espetáculo de Portalegre

Centro de Artes e do Espetáculo de Sever do Vouga

Centro de Artes e Espetáculos da Figueira da Foz

Cine Teatro São João (Palmela)

Cine-Teatro de Estarreja (Estarreja)

Cine-Teatro Garrett (Póvoa de Varzim)

Cinema Teatro Joaquim de Almeida (Montijo)

Cineteatro Alba (Albergaria-a-Velha)

Cineteatro Anadia

Cineteatro António Lamoso (Santa Maria da Feira)

Cineteatro Curvo Semedo (Montemor-o-Novo)

Cineteatro João Mota (Sesimbra)

Cineteatro João Verde (Monção)

Cineteatro Louletano (Loulé)

Cineteatro Monte Real

Cineteatro Paraíso (Tomar)

Cineteatro de Porto Mós

Cineteatro Nazaré

Cineteatro de Rio Maior

Cineteatro São Pedro (Alcanena)

Coliseu Micaelense (Ponta Delgada – São Miguel)

Convento São Francisco - Coimbra Cultura e Congressos (Coimbra)

Fórum Cultural de Alcochete

Fórum Cultural José Manuel Figueiredo (Moita)

Fórum Municipal Luísa Todi (Setúbal)

Oficina Municipal do Teatro (Coimbra)

Pax Julia - Teatro Municipal (Beja)

Quartel das Artes (Oliveira do Bairro)

Teatro Académico de Gil Vicente (Coimbra)

Teatro Aveirense (Aveiro)

Teatro Bernardim Ribeiro (Estremoz)

Teatro Cine de Gouveia

Teatro da Cerca de São Bernardo (Coimbra)

Teatro da Rainha (Caldas da Rainha)

Teatro das Figuras (Faro)

Teatro Diogo Bernardes (Ponte de Lima)

Teatro Garcia de Resende (Évora)

Teatro Independente de Oeiras (Oeiras)

Teatro José Lúcio da Silva (Leiria)

Teatro Lethes (Faro)

Teatro Miguel Franco (Leiria)

Teatro Municipal Baltazar Dias (Funchal)

Teatro Municipal de Bragança

Teatro Municipal da Covilhã

Teatro Municipal da Guarda

Teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery

Teatro Municipal de Ourém

Teatro Municipal de Vila Real

Teatro Municipal Sá de Miranda (Viana do Castelo)

Teatro Ribeiro Conceição (Lamego)

Teatro Sá da Bandeira (Santarém)

Teatro Stephens (Marinha Grande)

Teatro Virgínia (Torres Novas)

Teatro Viriato (Viseu)

Teatro-Cine de Pombal

Teatro-Cine Torres Vedras

Teatro-Cinema de Fafe

Teatro-Cinema de Ponte de Sor

Tempo - Teatro Municipal de Portimão

Theatro Circo (Braga)

Theatro Gil Vicente (Barcelos)

Anexo 13- Algumas companhias de Teatro de Portugal (Fora da grande Lisboa e da cidade do Porto).

Acta – Companhia de Teatro do Algarve- Faro

Amarelo Silvestre- Canas de Senhorim

Arte Pública- Beja

Asta-Associação de teatro e outras artes- Covilhã

Baal 17- Serpa

Bica Teatro- Sintra

A Bruxa Teatro- Évora

O Cão Danado & Companhia

Casa da Esquina- Coimbra

Chão de Oliva- Sintra

Comédias do Minho- Vale do Minho

Demo - Dispositivo Experimental, Multidisciplinar e Orgânico- Guimarães

A Escola da Noite- Coimbra

ESTE – Estação Teatral da Beira Interior-Fundão

Fértil- V. N. Famalicão

Inestética- Vila Franca de Xira

Jangada de Pedra- Parede

Leirena Teatro- Leiria

Marionet- Coimbra

O Nariz Teatro- Leiria

Peripécia Teatro- Vila Real

Pim Teatro- Évora

Projecto Ruínas- Montemor-o- novo

REFLEXO- Sintra

Teatro ao Largo- Vila Nova de Mil Fontes

Teatro da Didascália- V.N. Famalicão

Teatro da Terra- Ponte de Sôr

Teatro de Montemuro- Serra do Montemuro, Gosende

Teatro do Elefante [Setúbal

Teatro do Noroeste- Viana do Castelo

Teatro dos Aloés – Associação Cultural- Amadora

Teatro Fórum de Moura- Moura

Teatro Mosca- Cacém

Teatro Oficina- Guimarães

Teatro Reflexo- Sintra

Teatro Tapa Furos- Sintra

Teatro TOITOI- Coimbra

Truta- Carnaxide

Utopia Teatro- Sintra

URZE Teatro- Vila Real⁴⁷

⁴⁷ Informação retirada de https://www.uc.pt/org/centrodramaturgia/10/diretorio_companhias/teatro_profissional.

Anexo 14- Estatísticas de entidades apoiadas pela DGARTES entre 2009 e 2012

**Quadro 1. Número de entidades apoiadas pela DGArtes, entre 2009 e 2012
(% sobre o total de entidades apoiadas em cada ano)**

		2009	2010	2011	2012
Tipo de Apoio	Apoios Pontuais	19,4	20,5	27,7	0,0
	Apoios Plurianuais (4, 2 e 1 anos)	78,4	77,5	70,4	68,0
	Acordos Tripartidos (4 e 2 anos)	2,3	2,0	2,0	2,4
	Internacionalização	0,0	0,0	0,0	29,6
Área artística	Cruzamentos disciplinares	14,9	16,8	15,0	15,9
	Dança	13,1	12,3	17,8	22,8
	Música	20,7	21,3	24,1	26,2
	Teatro	40,5	39,3	25,7	23,4
	Artes Plásticas(inclui Digitais), Fotografia, Arquitectura e Design	10,8	10,2	17,4	11,7
Região	Norte	23,4	24,2	22,9	25,5
	Centro	13,5	13,5	14,6	13,1
	LVT	49,5	48,8	50,2	47,6
	Alentejo	10,4	10,2	9,1	10,3
	Algarve	3,2	3,3	3,2	3,4
N		222	244	253	206

É de notar a acentuada regionalização de algumas áreas, sobretudo no que respeita aos apoios bienais e quadrienais, que são os que nos concernem diretamente. Verifica-se, globalmente, uma hipertrofia concernente a Lisboa e Vale do Tejo, sempre em torno de metade do total de entidades, seguida da região Norte, mais ou menos próxima de um quarto (em 2011, com pouco mais de um quinto). Por contraponto, a região do Algarve surge, naturalmente, como a mais deprimida: entre 2011 e 2012, não contempla qualquer apoio na área da dança (qualquer que seja a tipologia); na do teatro, para os apoios quadrienais; e na dos cruzamentos artísticos para os apoios bienais.

Em 2012, o maior número de entidades artísticas apoiadas situou-se em Lisboa e Vale do Tejo, correspondendo a 47% das 143 entidades. Seguiu-se o Norte com 25%, o Centro com 14%, o Alentejo com 10% e o Algarve com 4% das entidades apoiadas. Também, em termos de financiamento, foi Lisboa e Vale do Tejo a zona que recebeu o maior montante dos apoios,

correspondendo a 53%. Seguiu-se o Norte com 19%, o Centro com 16%, o Alentejo com 9% e o Algarve com 3% dos apoios financeiros concedidos pela DGArtes.

3.3 Distribuição de apoios financeiros concedidos pelas zonas de competência das 4 Direções Regionais de Cultura e da DGArtes:

Zona de competência territorial	Apoios financeiros concedidos
Norte	2.142.711,00 €
Centro	1.742.436,00 €
Lisboa e Vale do Tejo	5.975.192,00 €
Alentejo	1.027.926,00 €
Algarve	306.279,00 €
	11.194.544,00 €

